

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de História

**História e Sociabilidade da Praça Manoel Bonito.
Araguari / MG (1930- 1970).**

ELISÉLIA OLIVEIRA SILVA

ELISÉLIA OLIVEIRA SILVA

**História e Sociabilidade da Praça Manoel Bonito.
Araguari / MG (1930- 1970).**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Graduação em História, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Marta Emísia Jacinto Barbosa.

Uberlândia, Julho de 2010.

Elisélia Oliveira Silva.(1980)

História e Sociabilidade da Praça Manoel Bonito. Araguari/MG. (1930 -1970).

60. fls.

Orientadora: Marta Emísia Jacinto Barbosa

Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras – Chave: História, Cidade, Memória.

ELISÉLIA OLIVEIRA SILVA

**História e Sociabilidade da Praça Manoel Bonito.
Araguari / MG (1930- 1970).**

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Marta Emília Jacinto Barbosa (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Prof.^a Amanda Marques Rosa

Dedico este trabalho aos meus pais Eurípedes e Maria que nos momentos de dificuldades sempre estiveram presentes ao meu lado com palavras de incentivo e carinho.

Agradecimentos

Aos meus pais, à minha irmã Gisele que sempre me incentivaram durante todo o curso.

À professora Marta Emisia pela contribuição na realização deste trabalho, por ter me orientado nas leituras, pelos empréstimos de livros, enfim sou grata por ter me auxiliado na construção desta monografia.

Às professoras Regina Ilka Vieira Vasconcelos e Amanda Marques Rosa, por aceitarem participar da banca examinadora.

À todos os meus familiares em especial a Marilda, Alberico e Elisane que sempre torceram por mim.

À professora Heloísa Helena Pacheco Cardoso pelas dicas no projeto de pesquisa.

Ao Arquivo Público Dr. Calil Porto em Araguari/MG, de modo especial à Cristiane, Aparecida da Glória e Juscélia pela boa vontade em disponibilizar os documentos do arquivo.

Aos meus colegas de turma que conviveram comigo durante o curso, enfim a todos aqueles que contribuíram direta e indiretamente para a realização desse trabalho.

Tudo posso naquele que me fortalece
(Filipenses 4:13)

Sumário

Introdução.....	09
-----------------	----

Capítulo I

História de uma praça e sua simbologia.....	12
---	----

1.1 Os fotógrafos.....	31
------------------------	----

Capítulo II

Um olhar sobre as construções no entorno da Praça Manoel Bonito: Cine Rex, Clube Recreativo Aragarino, Pálace Hotel e suas práticas de sociabilidades.....	33
--	----

Considerações Finais.....	47
---------------------------	----

Bibliografia.....	50
-------------------	----

Fontes

Impressas.....	53
----------------	----

Fontes

Iconográficas.....	53
--------------------	----

Anexos.....	53
-------------	----

LISTA DE IMAGENS

CAPÍTULO I

Figura 01- Igreja Presbiteriana.....	16
Figura 02- Jardim da Praça Francisco Salles.....	18
Figura 03- Praça Manoel Bonito com fonte luminosa.....	19
Figura 04- Praça Manoel Bonito na época da inauguração década de 1960.....	21
Figura 05- Desfile cívico em frente à praça.....	23
Figura 06- Carros do ponto de táxi São João.....	25
Figura 07- Cabine com telefone do ponto de táxi Ideal.....	25
Figura 08- Comemoração na praça.....	30

CAPÍTULO II

Figura 09- Restaurante Napolitano.....	35
Figura 10- Cine Rex década de 1940.....	35
Figura 11- Cine Rex final da década de 1930.....	36
Figura 12- Parte interna do Cine Rex.....	38
Figura 13- Cine Rex depredado.....	39
Figura 14- Praça com o coreto década de 1930.....	41
Figura 15- Prédio do Clube Recreativo Aragarino década de 1970.....	43
Figura 16- Construção do Pálace Hotel década de 1930.....	44

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 17- Mapa localizando a Praça Manoel Bonito.....	47
--	----

Resumo

Este trabalho pretende através de artigos de jornais e fotografias, fazer uma análise das transformações do espaço urbano na cidade de Araguari/MG e em destaque fazer um estudo sobre a Praça Manoel Bonito localizada no coração desta cidade, no período de 1930 a 1970. Procuro analisar a trajetória da praça e suas várias denominações, os aspectos significativos das duas reformas ocorridas na praça, e se essas mudanças influenciaram nas práticas sociais ocorridas na época.

Busco investigar os sentidos da Praça Manoel Bonito para a população araguarina, as principais construções em torno da praça, o que foi modificado o que foi preservado, como essas construções Cine Rex, Clube Recreativo Araguarino e Pálace Hotel influenciaram na movimentação da praça e nas suas práticas de sociabilidades. Analiso as diferentes maneiras que os habitantes fizeram uso do espaço da Praça Manoel Bonito.

Introdução

Pretendo neste trabalho analisar de forma diversificada as várias transformações e continuidades no espaço urbano na cidade de Araguari/MG e especial analisar as transformações ocorridas na Praça Manoel Bonito através das duas reformas que remodelaram totalmente seu espaço físico a reforma de 1938 e a de 1966. Investigar as construções no entorno desta praça como o Clube Recreativo Araguarino, o Cine Rex, o Pálace Hotel, a Igreja Presbiteriana e as práticas de sociabilidades existente na praça na década de 1930 a 1970. Quando cursei a disciplina métodos e técnicas de pesquisa em história, tive que escolher um objeto de pesquisa, aí então surgiu a oportunidade de escolher como tema a cidade onde eu resido para fazer um trabalho de pesquisa.

Ao fazer o projeto de pesquisa pretendia usar como fonte as fotografias antigas, a imprensa local e as narrativas orais. Para concluir este trabalho resolvi seguir outro caminho trabalhando apenas com a imprensa, fotografia e as atas da Câmara Municipal de Araguari, deixando de lado as narrativas orais.

Não encontrei muita documentação sobre a Praça Manoel Bonito, no Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto, pois havia poucos exemplares de jornais da década de 30 até 70. Pesquisei em diferentes jornais locais entre eles, Gazeta do Triângulo, O Triângulo, Jornal Araguay, Botija Parda, Albor, e o jornal O Diário.

Os jornais “Gazeta do Triângulo” e o “O Triângulo” são jornais diários que informavam sobre os acontecimentos locais e regionais e pouco sobre os acontecimentos mundiais, possuem muitas propagandas, charges, eram utilizados para fazer convites e agradecimentos, havia também as informações sociais e esportivas. Os exemplares existentes no arquivo são poucos e não se encontram sequenciados, havia alguns períodos que não encontrei nenhum exemplar, mas os Jornais “Gazeta do Triangulo” e “O Triângulo” foram os únicos que encontrei no período de 30 até 70, mesmo faltando exemplares, estes traziam informações sobre o desenvolvimento urbanístico, e informações sobre acontecimentos sociais e as práticas de sociabilidades que ocorreram na praça. O jornal Araguay foi fundado em 1910 era um jornal que informava os acontecimentos locais, encontrei alguns exemplares de 1910 até 1932. O jornal Albor entre 1912 a 1950 era um jornal que destacava a propaganda política. O jornal O diário é um jornal mais recente lançado depois da década de 1990 e nos dias atuais está em plena circulação. O jornal Botija Parda foi fundado em 1969. Caracteriza-se por destacar a sociedade de Araguari.

Encontrei no arquivo um grande acervo de fotografias sobre a Praça Manoel Bonito, estas estão catalogadas com o nome do fotógrafo e a década a que pertence. Nessa época destacaram-se em Araguari dois fotógrafos Geraldo Vieira e Antônio Gebhardh, visto que a maioria das fotografias existente no Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto foram retratadas por eles.

Através das fotografias podemos fazer uma análise dos acontecimentos passados, sendo que ao observarmos as fotografias elas nos sugerem vários questionamentos.

Segundo Arlindo Machado “*A fotografia em particular, desde os primórdios de sua prática, tem sido conhecida como o “espelho do mundo”, só que um espelho dotado de memória.*”¹

A estruturação deste trabalho consta de dois capítulos, visto que no primeiro deles “História de uma Praça e sua simbologia,” procurei inicialmente fazer um breve histórico sobre o município de Araguari/MG, dando ênfase em alguns acontecimentos. Procuo refletir sobre o desenvolvimento da cidade, como melhoramentos em sua infra-estrutura, pavimentação das praças e ruas e como essas melhorias no espaço urbano transmitiam o ideário de progresso para a população. Analiso a utilização do espaço da praça pela população como práticas sociais e como fonte de trabalho pelos taxistas. Discurso sobre a trajetória da praça com suas variadas denominações, seu primeiro ajardinamento em 1923 do qual se instala o coreto, a primeira reforma cuja fonte luminosa foi instalada, o segundo processo de remodelação da praça ocorrido na administração do prefeito Miguel de Oliveira que contratou os serviços do arquiteto João Jorge Coury para fazer o projeto e construir a Praça Manoel Bonito. Relato sobre a vida de dois fotógrafos Geraldo Vieira e Antônio Gebhardt que mais se destacaram ao retratarem o cotidiano da cidade.

No segundo capítulo intitulado “Um olhar sobre as construções no entorno da Praça Manoel Bonito: Cine Rex, Clube Recreativo Aragarino, Pálace Hotel e suas práticas de sociabilidades”, destaco a trajetória dessas construções e procuro analisar como elas influenciaram na movimentação da praça. O Cine Rex que promovia os encontros coletivos, onde também ocorria o footing, ressalto o quebra-quebra ocorrido neste cinema, sua reforma e reinauguração. Discurso sobre o desinteresse da população em frequentar as antigas salas de cinema, devido ao surgimento de novas tecnologias e facilidades de acesso. Relato sobre o Clube Recreativo Aragarino, sua inauguração, seus bailes animados por bandas de músicas do qual proporcionava a diversão da sociedade aragarina. Destaco também o Pálace Hotel como ponto de encontro e como forma de influência na modernização da Praça Manoel

¹ MACHADO, Arlindo. *A ilusão espetacular: Introdução á fotografia*. São Paulo. Editora Brasiliense. (Coleção Primeiros Vãos). 1984.p.10.

Bonito. Nos dois capítulos procurei ressaltar as práticas de sociabilidades proporcionadas pela Praça Manoel Bonito.

Capítulo 1

História de uma Praça e sua simbologia.

(...) a cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como o lugar da pluralidade e da diferença, e por isto representa e constitui muito mais que o simples espaço de manipulação do poder. E ainda mais importante, é valorizar a memória, que não está apenas nas lembranças das pessoas, mas tanto quanto no resultado e nas marcas que a história deixou ao longo do tempo em seus monumentos, ruas e avenidas ou nos seus espaços de convivência (...).²

A pesquisa proposta neste trabalho pretende analisar, sob uma perspectiva histórica as transformações no espaço urbano na cidade de Araguari/Minas Gerais. O processo de transformação das cidades não ocorre isoladamente, se espelham em mudanças que ocorriam no país em determinada época. As transformações das cidades expressam as necessidades do capitalismo. A cidade como nos lembra Déa Ribeiro Fenelón “*é memória organizada e construção convencional, natureza e cultura, público e privado, passado e futuro. A mudança é característica das cidades, mas estas mudanças têm história, personagens e uma trama de desejos individuais e projetos.*”³

São muitas as formas de viver a e na cidade. Os seus moradores é que vão dar sentidos aos ambientes, às ruas, praças, igrejas, casas. Sentir-se parte da cidade é reconhecer nela identidades, formas de viver e modos de se manifestar.

Na cidade de Araguari pretendo, neste trabalho, fazer um estudo sobre a Praça Manoel Bonito, localizada no centro desta cidade na Rua Rui Barbosa. O que me levou a fazer opção pelo tema foi o fato de eu residir em Araguari e querer escrever algo sobre a minha cidade. Durante alguns anos ouvi comentários das pessoas que a cidade estava crescendo e evoluindo, daí surgiu a idéia de observar os melhoramentos na cidade e em destaque as transformações na Praça Manoel Bonito, que foi edificada na década de 1930. Em 2006, o Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto fez uma exposição de fotografias da praça em comemoração aos 68 anos da denominação Praça Manoel Bonito. Esta denominação foi estabelecida por intermédio do decreto de lei número 22 de 20 de Julho de 1938.

Algum tempo atrás tive a oportunidade de ver essas fotos no arquivo, elas retratam diversas épocas e ângulos do referido local, mostra também as edificações que compõe a

² FENELON, Déa Ribeiro. (Org.) Cidades: Pesquisa em história 1. Programa de Estudos pós-graduados em história PUC/SP. Editora Olho D'água, 2000. p.07.

³ Ibidem.

praça. Dentro dessa perspectiva, busco compreender a relação das pessoas com a praça, como essas relações indicam mudanças nos hábitos de se viver a cidade.

O município de Araguari está localizado na porção oeste do Estado de Minas Gerais, no norte do Triângulo Mineiro próximo a divisa com Goiás, na margem do Rio Araguari, conta com aproximadamente 110.334⁴ habitantes destes 10.226 residem na zona rural e a população da zona urbana é cerca de 100.120 habitantes, sendo que sua economia se firma na produção de café do qual produz 600.000 sacas de café por ano e na produção de tomate, com destaque para a indústria de suco que fornece suco para todo o país. Possui ainda outras indústrias, frigoríficos e um comércio atuante. Araguari possui como distritos: Amanhece, Piracaíba, Florestina, Santo Antônio e Contenda. O município de Araguari possui coordenadas geográficas de 18° 20' e 18° 55' de latitude Sul; 47° 55' e 48° 40' de longitude.

Araguari localiza-se a 26 km da cidade de Uberlândia, a 139 km de Uberaba e a 585 km de Belo Horizonte. Possui uma área de 2.741 Km², sendo 54 Km² de área urbana e 2.675 Km² zona rural. Limita-se com Cascalho Rico, Estrela do Sul, Indianópolis, Tupaciguara e Uberlândia. O acesso ao município se dá pelas rodovias MG 223, 748 e BR 050. (ver mapas.).

A história oficial de Araguari remonta as primeiras décadas dos anos de 1800. Em folder produzido pelo Arquivo Público Municipal, a história é contada de forma linear, privilegiando alguns acontecimentos.

Brejo Alegre era o nome sede do arraial composto de algumas construções, dentre elas uma pequena capela, residências e poucos cômodos comerciais, além de inúmeras fazendas. No ano de 1843, por meio da lei nº. 247, de 20 de Julho, o Arraial passou a ser distrito de Sant'Ana do Rio das Velhas, sendo sua primeira distinção.

A denominação freguesia foi alcançada em 1864, quando a Lei Provincial nº1195 de seis de agosto, determinou a transferência da Paróquia Sant'Ana para o Brejo Alegre.

A condição de "Vila" e o desmembramento territorial do município de Bagagem, atual Estrela do Sul, deu-se posteriormente por intermédio da Lei Provincial nº2996, de 19 de outubro de 1882. A instalação oficial da Vila verificou-se apenas em 31 de março de 1884, com a posse da primeira Câmara Municipal, o que efetivou sua emancipação política.

A Lei Provincial nº3591 de 28 de Agosto de 1888, elevou-a a categoria de cidade com o nome de Araguay. Vários pesquisadores tentaram explicar o motivo da alteração nominal, no entanto, nada foi comprovado documentalmente.

⁴ Dados obtidos no censo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) realizado em 2007.

Em 1895 foi elaborado por Achiles Wildulick o primeiro traçado urbano da cidade de Araguari, em planta aprovada pela lei nº 11. Três anos mais tarde, 1898 a lei nº 50 determina o alinhamento, o nivelamento e a demarcação de praças, ruas e avenidas da cidade. Segundo a planta do engenheiro os logradouros foram demarcados por números que em 1901 foram substituídos por nomes.

Aos poucos, foi delineando-se a localidade, agora com nova roupagem: Cidade de Araguay. Antes do limiar do século XX, o município apresentava-se com simplicidade, a Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus da Cana Verde com seu estilo colonial; o cemitério situado ao fundo da igreja; as casas de “telhas ao vento”, ou seja, sem forração; e no centro da urbe, um córrego corria límpido, dividindo duas partes distintas do lugar, de um lado, segundo consta, dava-se o nome de Goiás, e do outro, de Minas Gerais, em alusão aos estados fronteiriços. O pequeno comércio era composto de uma padaria, uma sapataria, duas farmácias e algumas “vendas”.

Neste contexto, chegou à cidade os trilhos de ferro, que encurtava distâncias e propiciava quantitativo desenvolvimento. A CIA Mogiana de Estrada de ferro, primeira a ser implantada no município, em 1896, tendo como marco original o Estado de São Paulo, estabeleceu novo alento ao comércio local e um regional, oportunizando um significativo aumento da população, o que gerou novas divisas econômicas para o município.

As primeiras décadas do século XX foram marcadas por mudanças na parte central da cidade, decorridas pela efetivação do traçado urbano, e também, pela instalação da Estrada de Ferro Goiás no ano de 1906, que ligou o município com o Estado de Goiás, gerando novas levadas de migrantes para a cidade que era sinônimo de oportunidade.

Ao longo dos anos que se seguiram, o município foi suprindo seus serviços básicos à população e adequando-se as necessidades de cada época.⁵

Na pesquisa realizada no Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto pude perceber que a evolução urbana de Araguari foi lenta e assimétrica. Em 1896, quando se instala a CIA Mogiana de Estrada de Ferro em Araguari, este fato foi considerado uma “evolução”, pois trouxe um desenvolvimento comercial e industrial, alterando a paisagem e o cotidiano da cidade. A partir da expansão do comércio é que houve uma preocupação em melhorar a estética da cidade como alinhamento de casas, ruas e praças.

⁵ O informe sobre o histórico de Araguari foi encontrado em um folder produzido pelo Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto, em março de 2006. Organizado por PEIXOTO, Juscélia Abadia Vieira e CAMPOS, Aparecida da Glória.

Um dos momentos considerados de prosperidade na cidade foi a instalação da energia elétrica, em 1910, o qual proporcionou o desenvolvimento do comércio e da indústria. Cresceu a tendência em promover melhoramentos como o calçamento das ruas, e outros.

Está terminando o serviço de terraplanagem da Rua Ruy Barbosa e das ruas centrais da cidade. Como o assentamento de paralelepípedos é coisa de pouco tempo, vê-se que não tardará a ficar concluído o calçamento das alludidas vias públicas. Torna-se agora indispensável a construção de passeios, de modo que efetuado o calçamento, não tarde muito a ficar completamente remodeladas as importantes vias. O calçamento é a única maneira de manter as vias públicas em condições de suportar um grande tráfego.⁶

Na década de 30 são construídas rodovias para facilitar as relações comerciais entre as comunidades. Nessa época foi feita a pavimentação das praças e as ruas foram calçadas com paralelepípedos. Eram incentivadas as reformas e as construções de edifícios no centro da cidade, destacando as construções de residências e comerciais, pois esta era considerada uma forma de desenvolvimento da cidade. Na década de 30 foram construídos prédios escolares e hospitalares, foram tomadas medidas de infra-estrutura sanitária e o serviço de água e esgoto, apenas foram implantados em 1946.

Na década de 70, a cidade passou por expressivas mudanças no setor de infraestrutura, foram feitas obras importantes como: construções de galerias pluviais, redes de água e esgoto, construções de novas avenidas, Brasil e do Contorno. Final da década de 70 foi marcada pelo asfaltamento na parte central da cidade e foram feitos melhoramentos na iluminação pública.

Diversas vias públicas foram macadamizadas e muitas outras foram melhoradas. Em destaque a Rua Ruy Barbosa onde diversos bueiros foram construídos para a evasão das águas pluviais. Todas as ruas centrais foram carpidas e limpas as suas sarjetas, contribuindo para o melhoramento da cidade.⁷

Comparando as plantas da cidade de 1948, 1982 e de 2005 nota-se um crescimento da cidade e o surgimento de novos bairros, entre eles Sibipiruna, Parque dos Flamboyants, Jardim Panorama e Bairro Aeroporto. (ver páginas 57 e 58).

“O crescimento de Araguari abrange um setor vastíssimo. Com relação a parte urbanística da cidade esta vai se transformando radicalmente pelos melhoramentos urbanos. Elevou-se o número de construções que se levantaram em todo o canto da urbes. Apresentando sobre as épocas anteriores um Record quanto ao número de casas construídas. Observando-se a cidade nota-se quase todas as ruas há edificações iniciadas todas de feição moderna. Isso é considerado um grande progresso para a cidade.”⁸

⁶ Jornal Gazeta do Triângulo. 28/12/1937. p.01.

⁷ Jornal Gazeta do Triângulo. 09/01/1938. p.02.

⁸ Jornal Gazeta do Triângulo. 20/03/1938. p.01.

No final do século XIX a atual Praça Manoel Bonito era denominada pela população como Largo da Gameleira, pois no largo havia uma árvore frondosa da espécie gameleira.

O final do século XIX trouxe transformações, no contexto religioso no ano de 1893 foi organizada a Igreja Presbiteriana na cidade, constituindo um acontecimento na liberdade de cultos religiosos. O senhor Tertuliano Goulart e sua esposa Maria Otilia foram os fundadores da instituição. No início a Igreja funcionou na residência deles, no ano de 1908 foi transferida para o Largo da Gameleira, atual Praça Manuel Bonito onde permanece até os dias atuais. Anos seguintes foram construídas residências entorno da praça.

Até final da década de 30 a Igreja Presbiteriana localizava-se em um imóvel de pequena extensão. Na década de 1940 foi efetuado no imóvel ampla reforma dando-lhe características arquitetônicas que foram conservadas até os dias atuais. Essa entidade fundou o Instituto Presbiteriano de Araguari que tinha como finalidade educar as crianças cuja família pertencia à entidade, dando-lhes formação educacional e religiosa.

Esses espaços eram fotografados com a finalidade de registrar a vida da cidade, os fotógrafos não focaram apenas a praça e ao seu redor, eles retrataram outras partes da cidade como centro e bairros mais afastados. As casas, prédios, ruas, comemorações, desfiles, a vida diária das pessoas também eram foco das lentes dos fotógrafos.



**Fig. 1 – Igreja Presbiteriana (Praça Manoel Bonito) década de 1940.
Fotógrafo: Antônio Gebhardth. Acervo do Arquivo Público Municipal
Dr. Calil Porto.**

Nesta figura podemos visualizar a Igreja Presbiteriana, o jardim da praça com árvores, gramados e alguns bancos de granito compacto, podemos perceber que os bancos são de

pequena extensão podendo sentar-se de duas a três pessoas, ou seja, de acordo com Josefa Aparecida Alves “*o banco configurava-se como um agente selecionador*”⁹. Notamos também que os bancos dessa época possuem encosto e estes eram utilizados para expor os anúncios comerciais de algumas lojas. Diferentemente da reforma da década de 1960, onde os bancos são de concreto armado, possuem uma extensão maior, são contínuos e não possui encosto, nesta época os bancos eram feitos para promover a socialização entre as pessoas, ou seja, os bancos eram feitos para abranger muitas pessoas de diferentes classes sociais como ricos e pobres, sendo que estes compartilhavam de um mesmo espaço.

Segundo nota do jornal local da época “*O parapeito era o ponto de encontro dos namorados. Os bancos espalhados por toda a extensão da Praça, cercados de flores onde os namorados disputavam um lugar.*”¹⁰

No início do século XX a Praça Manoel Bonito era conhecida como Largo dos Protestantes, devido á presença da Igreja Presbiteriana no local. Fiquei questionando porque a Igreja Presbiteriana e não a Igreja Católica? Ou outro nome. Diferente do costume das outras cidades, onde ao redor da praça principal localizavam a Igreja Católica. Anos depois o largo é denominado Francisco Salles em homenagem ao político mineiro, do qual governou o Estado de Minas Gerais de 1902 a 1906. Após a nova denominação a população continuava se referindo ao local como largo dos protestantes, pois a igreja situada na parte superior identificava o lugar e era de mais fácil lembrança do que o nome Francisco Salles.

Em 1930 com a chegada da ditadura dos anos 30, os interventores é quem faziam as leis. A Praça Francisco Salles não se livrou dos decretos lei, o interventor executivo determinou:

(...) considerando o dever de todas as pessoas de cultivar a memória daqueles que tombaram em defesa da sacro santa causa da liberdade. Considerando o saudoso ex- presidente da Paraíba, Dr. João Pessoa Cavalcante de Albuquerque, que sacrificou a sua vida combatendo pela liberdade. Passa a denominar desta data em diante, Praça João Pessoa o largo do jardim público desta cidade até hoje denominado de Praça Francisco Salles, revogando as disposições em contrário.¹¹

Oito anos depois a praça passa a chamar-se Manoel Bonito, em reconhecimento ás contribuições do Sr. Manoel dos Santos Laureano vulgo (Manoel Bonito), para o desenvolvimento de Araguari. Manoel dos Santos Laureano nasceu em Portugal e ainda muito jovem veio para o Brasil, chegou a Araguari com a Companhia Mogiana de Estrada de

⁹ ALVES, Josefa Aparecida. *Imagens e memórias: o olhar dos fotógrafos sobre os monumentos na Praça Tubal Vilela*. Uberlândia revisitada. Memória, cultura e sociedade. Edufu. p.374.

¹⁰ Jornal O Triângulo. 20/05/1940. p.05.

¹¹ Jornal Araguari. 06/10/1930. p.01.

Ferro, onde passa a ser funcionário, começa como carpinteiro e depois industrial de madeira, depois com trabalho autônomo ele fornecia “dormente” para a Estrada de Ferro Goiás. Manoel Bonito acumulou capital e investiu em construções como: o Clube Recreativo Araguarino construído em 1932, Cine Rex inaugurado em 1938, Pálace Hotel em 1939 e palacete Laureano, todos localizados em volta da praça. Manoel Bonito faleceu em 1943 aos setenta e quatro anos de idade.

No decorrer dos anos a cidade se desenvolvia, sendo assim a população reivindicava perante o governo um ajardinamento para a Praça Francisco Salles, pois o local precisava de uma infra-estrutura que atendesse melhor a comunidade, visto que ainda eram poucas as práticas de lazer naquela época. Mediante a lei n.º 266 de 25 de julho de 1923 decretou a construção do jardim e coreto na praça.

Em 1923 foi iniciada a construção do jardim da praça que só foi inaugurado em 1924. Nessa mesma época foi construído o coreto de alvenaria e madeira.

(...) inaugurar-se-á o magnífico jardim da Praça Francisco Salles, nesta cidade. Innúmeros festejos estão sendo organizados e é quase certo que aqui virá uma das bandas de músicas da vizinha cidade de “Uberabinha” para maior realce dar ao acto inaugural, daquele magnífico logradouro público de Araguay.¹²



**Fig. 2—Jardim da Praça Francisco Salles e coreto, fotografia de 1927.
Fotógrafo: Antônio Gebhardth. Acervo do Arquivo Público
Municipal Dr. Calil Porto.**

Na figura de número dois podemos visualizar o coreto de alvenaria e madeira o jardim da Praça que nesta época era denominada de Francisco Salles. Ao fundo e do lado direito podemos perceber a Igreja Presbiteriana e algumas residências.

¹² Jornal Araguay. 29/06/1924. p.02.

Apresentava-se ali no coreto aos domingos e dias festivos a banda de música denominada de Santa Cecília. Boa parte da população comparecia para prestigiar a apresentação da banda.

No coreto do lindo jardim da Praça Francisco Salles, a apreciada banda de música Santa Cecília realizará hoje á noite a sua acostumada retreta executando magnífico e variado programa. Essa banda tem alcançado do público grandes aplausos.¹³

Na década de 40 a praça é reformada, o coreto é destruído e instala-se a fonte luminosa. Através dessa reforma foi iniciado o ajardinamento.

“O artigo 12, nºum do decreto lei federal nº1202, de 08 de abril de 1939, decreta: artigo 1º a prefeitura autoriza a construção de uma fonte luminosa na Praça Manoel Bonito”.¹⁴

A fonte luminosa tão esperada para ser instalada na Praça Manoel Bonito já foi adquirida e os trabalhadores estão montando bem no centro da mais movimentada praça da cidade. Com um jardim com conseqüências do abandono o estado em que se encontrava a Praça Manoel Bonito, decepçionava os forasteiros e enchia de vergonha os araguarinos. A reforma agora em franca realização está devolvendo a principal praça pública a antiga beleza e encantamento. As plantas novas que começam a dar sintonia de vida ao jardim e os operários trabalhavam em pleno centro da praça. Em breve a fonte luminosa estará jorrando água para as alturas e contribuindo para o colorido do logradouro.¹⁵



Fig. 3—Praça Manoel Bonito com fonte luminosa, década de 1940.
Fotógrafo: Antônio Gebhardth. Acervo do Arquivo Público Municipal
Dr. Calil Porto.

Visualizando na foto acima de número três, produzida pelo fotógrafo Antônio Gebhardth, um lago com uma fonte luminosa, ao fundo do lado direito o prédio do antigo Clube Recreativo Araguarino do qual em 1957 o clube ganhou sede própria na parte superior

¹³ Jornal Gazeta do Triângulo. 11/04/1930. p.05.

¹⁴ Jornal Gazeta do Triângulo. 17/10/1939. p.03.

¹⁵ Jornal Gazeta do Triângulo 14/04/1946. p.01.

da praça, do lado esquerdo o prédio onde localizava uma loja chamada de casas Glória e no centro um prédio em construção que ao término iria sediar o Banco Indústria e Comércio de Minas Gerais S/A. Na década de 50 no período de construção de Brasília criou-se uma febre de modernidade, ou seja, iniciou-se uma forte onda de modernização urbanística a partir de Lúcio Costa um dos planejadores da nova capital, com isso a Praça Manoel Bonito é totalmente demolida e construída com traços do momento, da modernidade.

Através do ideário de desenvolvimento e progresso do país divulgado naquele período, o prefeito Miguel de Oliveira que administrava a cidade na década de 60 contratou os serviços do arquiteto João Jorge Coury¹⁶ para elaborar o projeto e construir a Praça Manoel Bonito e outra praça denominada Getúlio Vargas, ambas no centro da cidade. As construções dessas praças foram feitas em diversas etapas, iniciando a construção da Praça Manoel Bonito em 1965 e somente sendo concluída em 1966. O arquiteto João Jorge Coury destacou-se ao projetar a Praça Tubal Vilela em Uberlândia /MG é reconhecido também por projetar e construir várias praças com aspectos modernos no Triângulo Mineiro.

Em agosto de 1966 inaugura a construção que permanece até os dias atuais, com palco elevado para demonstrações cívicas e culturais como: juramento à bandeira, proclamação de novos oficiais, benção e entrega das espadas aos soldados, apresentação de estudantes em comemoração ao aniversário da cidade e independência do Brasil, recitais de poesia, apresentações de dança, música e teatro.

Na década de 60 foi remodelada não somente a Praça Manoel Bonito, mas também a Praça Getúlio Vargas. Nesse período de 60 através de um golpe do qual derrubou o presidente João Goulart instalou-se no Brasil o governo militar.

¹⁶ João Jorge Coury nasceu em Abadia dos Dourados/MG, no ano de 1908, cursou a EABH—Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, completando o curso em 1937, mas colando grau em 1940. Foi o primeiro arquiteto a fixar-se em Uberlândia, onde trabalha até sua morte, em janeiro de 1970. Informações retiradas do trabalho de ALVES, Josefa Aparecida. *Sociabilidade urbana, o olhar, a voz e a memória da Praça Tubal Vilela (1930-1962)*. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2004.p.107



**Fig.4--Praça Manoel Bonito na época da inauguração, década de 1960.
Fotógrafo: Geraldo Vieira. Acervo do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.**

Na figura de número quatro produzida pelo fotógrafo Geraldo Vieira, observamos no centro da praça, o palco elevado para apresentações, os bancos de concreto e de grande extensão, duas pessoas caminhando na calçada, ao fundo da esquerda para a direita o prédio onde sediava o Clube Recreativo Aragarino, o Pálace Hotel e o Cine Rex, à direita e acima visualizamos os carros estacionados no ponto de táxi, podemos perceber que o ajardinamento é recente, pois as árvores são de pequena extensão, sendo assim não foram aproveitadas as árvores mais antigas.

A Praça, entre 1930 e 1970, era muito freqüentada, os grandes acontecimentos e as comemorações eram feitos na praça. Houve dois acontecimentos marcantes que ocorreu na Praça Manoel Bonito: os comícios de Juscelino Kubitschek e Ademar de Barros. Os jornais locais da época relataram o seguinte:

Dia 23 de abril de 1953 chegou à cidade de Araguari em seu avião particular o governador Juscelino Kubitschek. À noite na Praça Manoel Bonito realizou-se uma concentração popular a fim de homenagear o ilustre visitante. Tomando lugar em um palanque armado na praça o governador foi homenageado.¹⁷

Deu-se no sábado dia 07 do corrente, a visita do prefeito de São Paulo Dr. Ademar de Barros, á esta cidade, como candidato a Presidência da República. Às 15 horas deu-se a recepção no aeroporto local, onde se encontravam diversas autoridades. Depois o Dr. Ademar de Barros desceu a

¹⁷ Jornal Gazeta do Triângulo. 26/04/1953. p.01.

Praça Manoel Bonito, acompanhado de vários carros. Na praça encontrava-se apreciável número de pessoas dando-se o comício.¹⁸

As autoras, Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário discutindo o texto “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa” relatam:

Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar.¹⁹

Ao remeter a perda definitiva da inocência pelos historiadores, as autoras referem-se ao fato de se questionar a suposta credibilidade de outros documentos antes da disseminação da imprensa, ou seja, as autoras discutem a noção de verdade dos documentos, inferindo que todo documento é construído com uma intenção, por isso, o historiador ao pesquisá-lo precisa considerar a subjetividade de quem o produziu.

Na praça havia o famoso vai-e-vem, ou seja, o sofisticado “footing”, onde rapazes andavam de um lado para o outro, enquanto moças, em sentido contrário namoravam com os olhos. O famoso “footing” preenchia os fins de semana de jovens araguarinos, permeando o imaginário e o flerte entre os namorados. Desses flertes surgiam noivados e até mesmo casamentos.

A praça passarela dos domingos inesquecíveis, onde e quando a fina flor da beleza e da elegância vaidosamente desfilava, no passeio ou na rua, então interdita de ambos os lados e regurgitante de juventude irrequieta, ou em alas, na contemplação das luzes cores e uma quantidade de moças, a caminharem lentas, sós ou em pequenos grupos distribuindo sorrisos, olhares tímidos ou maliciosos em clima de inocente para os rapazes.²⁰

Na Praça Manoel Bonito havia as comemorações cívicas como os grandiosos desfiles de estudantes, escoteiros, também eram feitos ali juramentos á bandeira e os comícios.

Eram promovidas na praça competições de atletismo como corrida e competições de motocicletas, grande parte da população se reuniam na praça para prestigiar essas competições, era uma forma de diversão dessas pessoas.

A Igreja católica utilizava a praça e as ruas no entorno da praça para promover as procissões, das quais reuniam grande número de fiéis.

¹⁸ Jornal Gazeta do Triângulo 22/03/1960. p.03.

¹⁹ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. Projeto História, São Paulo, n°35, dez.2007. Editora da PUC.p.254.

²⁰ Jornal Gazeta do Triângulo. 14/04/1956. p.04.



Fig.5 - Desfile cívico na Rua Rui Barbosa em frente à Praça Manoel Bonito. Foto década de 1950. Fotógrafo: Geraldo Vieira. Acervo do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

A figura acima é de um desfile cívico e de comemoração dos jogos da Alta Mogiana, as pessoas desfilam na Rua Rui Barbosa parte Sul da Praça Manoel Bonito.

No entorno da praça destacam-se construções importantes como: o Cine Rex, o Pálace Hotel e o Clube Recreativo Aragarino construídos na década de 1930. A Praça Manoel Bonito atualmente permanece com a mesma estrutura arquitetônica de 1960: na parte inferior instalaram-se banheiros de uso público e passagens que permitem a travessia da praça. Os canteiros têm formato geométrico e são delimitados por cordões cimentados, o piso é de calçada portuguesa com pedras brancas e pretas formando faixas que podem ser comparadas com tabuleiro de xadrez, há um espelho d' água e fonte na parte sul da praça, os bancos são cimentados; nota-se árvores ao longo da área do estacionamento como sibipiruna e quaresmeira e na área nordeste da praça nota-se também coqueiros. Na parte inferior abaixo do palco elevado há uma loja de artesanato a (APCAR), Associação dos Produtores Caseiros de Araguari, que está naquele local desde 1999. Há uma banca de revista “Banca do Joaquim” que está no local desde 2003.

A autora Maria Eliza Alves Guerra em sua dissertação faz uma descrição do espaço da Praça Manoel Bonito. “Sua forma é um polígono de quatro faces não paralelas e irregulares, inseridas na urbanização da cidade. A topografia do terreno apresenta um grande desnível no centro da praça fato que faz com que João Jorge Coury, implante aí uma construção, onde em um semi-subsolo situa banheiros e lojas, mantendo dois vazados como acesso nas laterais, e no centro sobre as lojas localiza um palco voltado para a parte mais alta do terreno, onde a

platéia está delimitada por bancos e canteiros que por sua vez estão delimitados pelos passeios periféricos que acompanham seu traçado urbano.

A construção está implantada de tal maneira que sua laje de cobertura se transforma em uma grande rampa transversal que liga as ruas Brasil Accioly e Travessa São Bento. Isto faz com que de certa maneira a praça tenha dois espaços distintos, onde o fator de unidade é obtido através do piso e seu grafismo em pedra portuguesa.

Na parte baixa da praça está localizado o único estacionamento na Rua Rui Barbosa, que rompe o passeio, ficando os acessos nas esquinas alongadas que estão sempre a convidar o caminhante. Nesta área também está um misto de espelho d' água e fonte que determina um ambiente mais aconchegante. ”²¹

Com a descrição da autora podemos concluir que os elementos que compõem a praça estão articulados em harmonia, visto que a praça é um conjunto, se retirarmos qualquer um desses elementos que a compõem a praça de alguma forma perde seu sentido estético.

Esses elementos como: palco elevado, espelho d' água, fonte, bancos, passeios periféricos, piso em calçada portuguesa, estacionamento, lojas em um semi-subsolo, jardins são todos importantes, pois compõem a estética paisagística da praça transformando-a em aspecto moderno.

O ponto de táxi que está na praça desde 1913: foi o primeiro ponto de táxi da cidade e existe até hoje no mesmo local. De 1913 a 1938 o ponto de táxi era denominado São João, posteriormente com a reforma arquitetônica e paisagística da praça o ponto de táxi São João passou a ser denominado de Ponto Ideal. O ponto de táxi teve sua fase de grande importância nos períodos em que as estradas de ferro Mogiana e Goiás eram o principal meio de transporte. No horário de chegada do trem de passageiros, os motoristas do ponto iam até a estação, oferecendo seus serviços as pessoas que tinham destino longe da ferrovia.

²¹ GUERRA, Maria Eliza Alves. *As praças modernas de João Jorge Coury no triangulo mineiro*. Dissertação (mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo, 1998, p.184.



Fig.6 – Ponto de táxi São João localizado na Praça Manoel Bonito, final da década de 1930. Fotógrafo: Geraldo Vieira. Acervo do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

Na figura acima podemos perceber os automóveis no ponto de táxi e algumas pessoas conversando no local, aproveitando a sombra da árvore.



Fig.7 – O mesmo ponto de táxi localizado na Praça Manoel Bonito, agora denominado: Ponto Ideal, década de 1940. Fotógrafo Geraldo Vieira. Acervo do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

“Encravado na parte inferior da praça em frente a uma frutaria, o serviço de “praças” configurou-se. Devido à pequena quantidade de carros particulares era um verdadeiro chiqué ser transportado em carro de aluguel “²². Entre chegar á pé, a cavalo, em charrete ou em carro alugado esta última opção prevalecia para aqueles que podiam pagar a corrida, sendo assim ir a alguma cerimônia em um táxi era sinônimo de elegância. Os motivos que popularizaram a

²² Jornal Gazeta do Triângulo 17/10/1937. p.02.

utilização do táxi foram variados, indo de casamentos, batismo e festas ao socorro em busca de médicos hospitalares e remédios.

Atualmente os taxistas, em relação ao número de habitantes, dispõem de pouca freguesia. Mesmo assim alguns motoristas permanecem no mesmo local na Praça Manoel Bonito esperando aqueles fiéis clientes que até hoje usam o transporte de aluguel.

Em três momentos de observação notei que a praça atualmente não é muito freqüentada, ao contrário do que vemos nas fotos de 1930 até 1970, onde apareciam aglomerados de pessoas na praça, local de diversão e de encontro. Observei agora poucas pessoas sentadas nos bancos da praça, havia ali um carrinho de picolé, pessoas pedindo esmolas. Notei que a praça é um espaço de passagem muitos usam a praça para cortar caminho, como passagem. À noite não há movimento, a praça é quase deserta, observei apenas um grupo de rapazes que estavam sentados nos bancos, fumando e usando bebida alcoólica, isto também é considerado como uma prática social. Em uma tarde de domingo notei que havia algumas pessoas sentadas nos bancos embaixo das árvores, crianças correndo nas passarelas e brincando no palco elevado. Neste dia também havia um carrinho de pipoca.

No período de 1930 a 1970 abrange as suas duas reformas de maior importância da Praça Manuel Bonito. Busco analisar o que a transformação da praça significou para as pessoas, e se elas expressam mudanças na vida delas. Essa época retrata a praça como um lugar de sociabilidade. Busco analisar os aspectos significativos no processo de transformações, das reformas que remodelaram totalmente o espaço físico da praça de 1938 e de 1966, analisando como as pessoas vivenciaram essas mudanças ocorridas na praça e se essas mudanças influenciaram nas práticas de sociabilidade que ocorriam naquela época. Busco compreender os sentidos da Praça Manoel Bonito para a população araguarina, a relação desses significados com as principais construções em torno da praça, o que foi modificado e o que foi preservado, como o Cine Rex, o Pálace Hotel, o Clube Recreativo Araguarino.

Qual o significado desses espaços para as pessoas que viveram na cidade entre 1930 e 1970. Compreender em quais sentidos a praça reunia essas pessoas, era no sentido político (lugar dos comícios), no social (lugar do lazer), no econômico (lugar do trabalho)? Tentar identificar o espírito existente naquela época. Qual eram as expectativas dos freqüentadores com a reforma naquela praça? Analisar como se deu a transformação na praça na década de 30: será que as construções que estavam sendo feitas ali influenciaram no processo de mudança, de modernização da praça? Será que todas as classes sociais freqüentavam a praça naquela época? Como ela era vista pelos diversos grupos sociais?

Busco trabalhar com a memória da Praça Manoel Bonito de 1930 a 1970 para isso me apoiei nos jornais da época e nas fotografias.

Júlio Pimentel discutindo os muitos tempos da memória destaca:

A memória nasce de dentro da narrativa histórica, encontrando lugar na estratégia adotada de representação e fixação de uma dada lembrança do vivido. (...) a memória tem capacidade de assegurar permanências, manifestações sobreviventes de um passado muitas vezes sepultado, sempre isolado do presente pelas muitas transformações, pelos cortes que fragmentam o tempo.²³

Aos poucos vai se configurando o espaço urbano, delineado gradativamente na cidade de Araguari, através da delimitação dos espaços e das intervenções foram modificando a maneira da população vivenciar o urbano, caracterizando-se aos poucos os limites entre a vida pública e privada, sendo as praças o principal palco público da população. Nelson Saldanha relata que:

(...) a praça integra organicamente o conjunto formado pela cidade, mas ao mesmo tempo “está” nele como um espaço – quase uma clareira – surgindo pelo distanciamento entre determinadas porções construídas. A praça “nega a continuidade das edificações”, mas ela é em certo sentido a essência da cidade.²⁴

A obra de Nelson Saldanha é considerada uma introdução ao urbanismo das cidades, ele a inicia caracterizando o jardim e a praça. De acordo com Saldanha:

A praça é pensada como um espaço amplo, que se abre na estrutura interna das cidades, como uma confluência de ruas, ou de qualquer sorte uma interrupção nos blocos edificados. Um espaço onde em geral se encontram árvores bancos, eventualmente monumentos, em alguns casos pequenos lagos artificiais.²⁵

O autor aborda a idéia de praça como espaço público, com desligamento em relação à moradia privada, ou seja, as casas com seus quintais. São construídas várias praças nas cidades e com finalidades diferentes: nos sentidos culturais e comunitários, no âmbito político, e com finalidade econômica, religiosa ou militar da vida social.

O jardim concentra e registra a privacidade retendo aspectos da natureza, enquanto a praça é um lugar aberto na natureza. Para ele, referir-se ao jardim corresponde à alma, e a praça ao espírito. Para Saldanha a praça é anterior à rua, esta por sua vez possui a mesma essência da praça, posto que todo traçado urbano, existente na praça é algo público. Sempre ao longo da obra ele compara o jardim e a praça.

²³ PINTO, Júlio Pimentel. *Os muitos tempos da memória*. In: Revista Projeto História. São Paulo: PUC/SP, n°17, 1998.p.207.

²⁴ SALDANHA, Nelson. *O jardim e a Praça: o privado e o público na vida social e histórica*. São Paulo: Edusp, 1993.p.13.

²⁵ SALDANHA, Nelson. Op. cit, p.13.

(...) o jardim sendo fechado, é lírico, e que a praça sendo aberta é épica. O jardim é côncavo a praça é convexa. O jardim encerra a biografia, a praça a história; um é introvertido, a outra é extrovertida. (...) Dir-se-ia também que o jardim o espaço se põe em função das plantas, enquanto que na praça o espaço é o principal: em função dos espaços se colocam árvores e monumentos.²⁶

Saldanha também faz distinção entre a vida pública e vida privada.

A vida privada, que também tem uma estrutura, se desenrola em espaços específicos, onde o humano se concentra e conexão mais direta com o seu individual e onde o eu se cultiva através de conexões culturais concretas e pessoais. (...) A esfera do viver público paira a existência grave e oficial das chamadas instituições; as instituições ordenam o conviver, assumem o lado genérico da experiência humana e dão ao social o seu perfil.²⁷

A obra de Nelson Saldanha, portanto, começa e termina pela construção de imagens: a do jardim, espaço de recolhimento pessoal e ordenação da natureza, puxando para o espaço privado, a praça é o espaço da coletividade, é um recorte imposto á cidade, puxando para o espaço público.

Outro autor que em seu trabalho relata a praça é Fernando Chueca Goitia este compreende perfeitamente que *“para o homem, o essencial e definitivo da cidade seja a praça e o que esta significa, a tal ponto que , quando esta falta , não entende que se possa chamar cidade a uma tal aglomeração urbana.”*²⁸

Cada pessoa guarda fragmentos da vida na praça a partir de percepções e sentimentos diferentes. De acordo com Le Goff “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.”²⁹

Ao estudar as transformações na cidade ou na praça não podemos trabalhar a memória como simples relembrar do passado, mas sim como nos lembra Jeanne Marie Gagnebin:

(...) salvá-lo do presente graças á percepção de uma semelhança que o transforma em dois: transforma o passado porque este assume uma forma nova, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior, que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobrirmos nas linhas do atual.³⁰

O trabalho da memória de estabelecer vínculos entre o passado e o presente, possibilita ao morador sentir-se parte da cidade, reconhecer-se nas ruas, nas edificações, nas praças.

²⁶ SALDANHA, Nelson. Op. cit, p.38.

²⁷ SALDANHA, Nelson. Op. cit, p.90.

²⁸ GOITIA, Fernando Chueca. *Breve história do urbanismo*. Editora Presença. Fevereiro de 2003.p.12.

²⁹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Borges. Campinas SP: Ed. da Unicamp, 2003.p.471.

³⁰ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin ou a história aberta*. In: BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.p.16.

Pela memória constituímos nosso passado: recoletamos cenas, reconfirmamos episódios, distinguimos o ontem do hoje, confirmamos termos de um dado passado. Da história á memória, talvez se configure, assim o espaço de uma poética que insiste na abordagem dos tempos idos, constituídos individualmente, mas revelados com a textura do coletivo.³¹

*“Com as imagens viajamos no tempo em direção aos cenários e situações que nelas vemos representados; viajamos ao passado e vivemos por instantes essa ilusão documental através de nossas lembranças, de nossa imaginação.”*³²

As fotografias são utilizadas como fonte documental, elas contribuem para o conhecimento histórico que é propiciado pela observação e análise das cenas retratadas. As fotografias ficam sujeitas a interpretações variadas com significados múltiplos. Para Boris Kossoy:

As imagens revelam seu significado quando ultrapassamos sua barreira iconográfica; quando recuperamos as histórias que trazem implícitas sua forma fragmentária. Através da fotografia aprendemos, recordamos, e sempre criamos novas realidades. (...). Tal é a dinâmica fascinante da fotografia, que as pessoas, em geral, julgam estáticas. Através da fotografia dialogamos com o passado, somos os interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêm em suspensão.³³

Segundo Boris Kossoy, para realizar um trabalho de análise de fotografias é necessário considerar as intenções do fotógrafo ao produzir determinada foto, além das várias interpretações por parte dos receptores que poderão compreender o espaço de maneira diversificada. A visão da pessoa que está analisando determinada fotografia é diferente da visão, do objetivo que direcionou o fotógrafo para produzi-la. De acordo com Kossoy:

Toda imagem fotográfica tem atrás de si uma história. Se, enquanto documento, ela é um instrumento de fixação da memória e, neste sentido, nos mostra como eram os objetos, os rostos, as ruas, o mundo, ao mesmo tempo, enquanto representação, ela nos faz imaginar os segredos implícitos, os enigmas que esconde, o não manifesto, a emoção e a ideologia do fotógrafo.³⁴

A intenção dos fotógrafos Geraldo Vieira e Antônio Gebhardt era registrar os espaços e o cotidiano das pessoas e da cidade optando pelos melhores ângulos e enquadramento das imagens. Eles ao produzirem cada imagem tinham diferentes intenções como: demonstrar o poder econômico das pessoas e dos espaços retratados etc. A fotografia como documento é

³¹ PINTO, Júlio Pimentel. *Os muitos tempos da memória*. In: Revista Projeto História. São Paulo: PUC/SP, nº17, 1998, p.205.

³² KOSSOY, Boris. *O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens*. Revista brasileira de história. São Paulo: ANPUH, v.25, n.49, p.35, 2005.

³³ KOSSOY, Boris. *O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens*. Revista brasileira de história. São Paulo: ANPUH, v.25, n.49, p.36, 2005.

³⁴ KOSSOY, Boris. Op. cit, p.41.

constituída com uma intenção, sendo assim o historiador ao pesquisá-la deve considerar a subjetividade do fotógrafo que a produziu.

As fotografias são extremamente importantes, pois elas contam a história da Praça Manoel Bonito, elas também nos transmitem a memória da praça.

Roland Barthes ao trabalhar com a mensagem fotográfica, ou com a fotografia jornalística caracteriza métodos de interpretação diferentes dos quais são: a emissão e a recepção da mensagem fotográfica.

Segundo Barthes:

Quaisquer que sejam sua origem e finalidade, a fotografia não é apenas um produto ou um caminho, é também um objeto dotado de autonomia estrutural sem pretender absolutamente separar este objeto de sua finalidade, faz-se necessário prever um método particular anterior á própria análise imanente dessa estrutura original que é uma fotografia.³⁵

Ao trabalharmos com imagens devemos levar em conta o fato de que a imagem como ferramenta de pesquisa exige dos historiadores um olhar mais atento, pois no primeiro olhar não se pode captar tudo, ou seja, o olhar do historiador tem que ir além do que mostram as imagens da qual o historiador está pesquisando. De acordo com Boris Kossoy :

“Quando diante das imagens de um passado recente ou afastado no tempo se deposita na fotografia o crédito secular e não raras vezes positivista de testemunho “fiel”, documento preciso daquele momento. Isto é mera pretensão, devemos ir mais além enquanto intérpretes das imagens.”³⁶



Fig.8 – Comemorações na Praça Manoel Bonito, mostrando várias pessoas, década de 1950. Fotógrafo: Geraldo Vieira. Acervo do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

³⁵ BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: O óbvio e o obtuso. Ensaio crítico III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.p. 11.

³⁶ KOSSOY, Boris.Op. cit, p39.

Na figura acima de número oito, produzida pelo fotógrafo Geraldo Vieira, visualizamos a Praça Manoel Bonito freqüentada por várias pessoas, ou seja, a praça era o ponto de encontro, era palco de inúmeras manifestações populares e cívicas como: passeatas, protestos como o ocorrido na praça em 1947 devido a elevação do preço dos ingressos do cinema, encontro de agricultores, local onde se faziam discursos políticos, desfiles estudantis e militares, na praça havia o convívio social. Ao fundo podemos observar da esquerda para a direita, o Clube Recreativo Aragarino, o Pálace Hotel e o Cine Rex.

As praças públicas, anteriormente, ambiente de convívio de todas as classes sociais, em diferentes situações, paulatinamente foi perdendo seu encantamento e seu papel congregador, devido às transformações da vida moderna, como o surgimento da televisão, de novas tecnologias o espaço da praça foi ficando ultrapassado, as pessoas se aderiram ao movimento, ou seja, a agitação da vida moderna

1.1 Os fotógrafos.

No final da década de 1920 até a década de 1970 destacam-se em Araguari dois fotógrafos: Antônio Gebhardt e Geraldo Vieira, responsáveis por realizar o registro da vida da cidade de Araguari.

Antônio Gebhardt natural da Alemanha estabeleceu-se em Araguari no ano de 1925, anos seguintes deixou a família e partiu do porto de Santos em São Paulo rumo à Europa, em viagem marítima. Seu passeio teve duração de cinco meses, no qual registrou tudo em “slides”. Em Araguari fundou um estúdio fotográfico denominado “A fotográfica”. Figura elogiada no meio social, sua história profissional efetivou as imagens da cidade. Aposentado deixou a profissão de fotógrafo, após seu afastamento o estúdio fotográfico passou a ser gerido por seus filhos.³⁷ O estúdio permanece até os dias atuais agora com nova denominação “Foto Gebhardt”.

Geraldo Vieira, um dos mais destacados fotógrafos da Cidade de Araguari, iniciou suas atividades profissionais em Estrela do Sul, cidade onde nasceu; diferentemente do que se possa imaginar, antes de dedicar esforços na profissão de “retratista”, foi garimpeiro, barbeiro e proprietário de cinema.

No ano de 1935, optou integralmente pela fotografia, abrindo seu atelier na cidade de Araguari. Seu primeiro estabelecimento detinha nobre localização no centro da cidade, local

³⁷ Informações retiradas do Jornal O Diário. 23/11/2009. p.06.

que havia abrigado o estúdio fotográfico de um italiano chamado Cariolato. Geraldo Vieira alugou o imóvel com o maquinário que o italiano utilizava na produção de suas fotografias. Com o novo negócio denominado “Foto Geraldo”, o jovem idealista, empreendeu seus trabalhos primeiramente fotografando romeiros que iam à Água Suja, atualmente município de Romaria/MG.

Naquela época grande era o fluxo de pessoas devotas a Nossa Senhora d’Abadia, em romaria até aquela localidade. Como era de hábito os fotógrafos procurarem grandes concentrações populares para retratarem pessoas e suas respectivas famílias, Geraldo desta forma abriu caminho para divulgar seu trabalho. A fotografia em estúdio ainda não era de conhecimento popular, ou até mesmo de praxe.

Gradativamente, Vieira, começou a diversificar os temas de acordo com a demanda e com a inovação dos equipamentos. Foram inúmeros batizados, casamentos, primeira comunhão, solenidades cívicas, militares, esportivas, funerais, aspectos urbanos a vida cotidiana de Araguari. (ver figura nº5 solenidade cívica).

Geraldo empregava a cada situação novas técnicas, com criatividade e originalidade, o que lhe destacou, o fez conhecido e solicitado tanto em Araguari e quanto na região.³⁸

O estúdio denominado na época de “Foto Geraldo” foi passado de geração em geração, existe até os dias atuais com a mesma denominação, hoje o estúdio é administrado por seus filhos e netos. Nesse ano de 2010 o estúdio Foto Geraldo comemora 75 anos de existência.

³⁸ Informações retiradas do Jornal O Diário. 22/02/2010. p.06.

Capítulo 2

Um olhar sobre as construções no entorno da Praça Manoel Bonito: Cine Rex, Clube Recreativo Aragarino, Pálace Hotel e suas práticas de sociabilidades.

O propósito deste capítulo é analisar as construções entorno da Praça Manoel Bonito como: o Cine Rex, o Clube Recreativo Aragarino e o Pálace Hotel, todas edificadas na década de 30. Como estas construções influenciaram na movimentação da praça e nas práticas de sociabilidades? Será que a movimentação de pessoas na praça era devido ao cinema?

Cine Rex.

Em 1937 o senhor Manoel dos Santos Laureano procurou os irmãos Milton e Hermano Lemos para formarem uma sociedade comercial a fim de explorarem um cinema, pois a cidade estava se desenvolvendo e esta atividade de lazer deixava muito a desejar. Havia apenas um cinema na cidade chamado de Cine Central e este não podia oferecer espetáculos cinematográficos e técnicas exigidas naquela época, foi negociado com o proprietário deste sua desativação e foram vendidas suas instalações. Foi comprado um terreno na Praça Francisco Salles e concretizou-se a empresa comercial que recebeu o nome de “Empresa Cine Teatro Santa Helena LTDA, esta funcionou até final de 1968. A partir desta data os cinemas foram arrendados para a Companhia de Cinema São Paulo Minas S/A.

Os serviços de construção foram entregue ao arquiteto Adolfo Carísio e durante todo o ano de 1937 e até julho de 1938 ocorreram as obras que iriam sediar o Cine Rex, ficando concluído no início de julho de 1938. No dia 21 de julho de 1938 foi inaugurado o então esperado Cine Rex. O jornal local destaca a seguinte nota:

Acontecimento social de grande importância para Araguari, o qual a população terranteza acolheu com demonstração de viva sympathia e de elevado júbilo foi sem dúvida a inauguração do Cine Teatro Rex, quinta-feira passada. Há mais de um anno, por iniciativa dos senhores Santos Laureno e Lemos e Silva, a cidade assistiu tomada de interesse e possuída de entusiasmo ao início das obras que resultaram no majestoso Cine Rex. A construção era assumpto das conversas triviaes das rodas estacionadas nos pontos mais movimentados. Um cinema em Araguari era necessidade bem compreendida pela população. Depois de longos mezes o sumptuoso cinema da Praça Manoel Bonito abriu as portas ao povo aragarino.³⁹

³⁹ Jornal Gazeta do Triângulo. 25/07/1938. p.01.

Com a inauguração do Cine Rex instituiu uma sensação de “modernidade” produzida por uma nova linguagem que estava surgindo naquela época, que permitia as pessoas que freqüentavam o cinema ter uma visão do mundo por meio das “imagens em movimento”, visto que estas produziam nos freqüentadores o encantamento.

Caracterizado por um sentimento de modernidade, devido a sua estrutura arquitetônica e destacando seu interior vivenciado durante as sessões diárias de cinema ou nos encontros cotidianos que promoviam uma troca de informações o Cine Rex sobressaiu-se como ponto de referência social e cultural requisitado pela população entre as décadas de 1930 e 1980. Nessa época além das exibições cinematográficas que eram realizadas diariamente, havia também apresentações de dança, música como recitais de piano e teatro. Não era toda a população que freqüentavam essas apresentações na maioria das vezes os freqüentadores eram as pessoas que tinham poder econômico, ou seja, a alta sociedade araguarina, raramente as pessoas de classe média ou mais pobres freqüentavam essas apresentações.

O prédio do Cine Rex é um remanescente importante da arquitetura da década de 1930, sua estrutura simbolizou e permitiu à cidade de Araguari a participação em um contexto de desenvolvimento. O cine Rex instalado entorno da Praça Manoel Bonito resiste no tempo e na memória coletiva dos araguarinos. De acordo com Júlio Pimentel Pinto:

“A memória base para possíveis identificações lugar dos hábitos, das recordações - que, não custa lembrar, contém na própria palavra, a potência afetiva do passado revisto: cor- e das lembranças, a memória é dotada de uma flexibilidade que permite a combinação entre indivíduo e coletivo: sempre pessoal e sempre apoiada em referenciais coletivos (...).⁴⁰

Este cinema funcionou entre as décadas de 1930 até final dos anos 80. O prédio onde sediava o cinema foi restaurado, preservando a antiga arquitetura e atualmente funciona no local um restaurante chamado “Napolitano”.

⁴⁰ PINTO, Júlio Pimentel. *Os muitos tempos da memória*. In: Revista Projeto História. São Paulo: PUC/SP, n°17, 1998, p.207.



Fig.-9. Foto retirada do site: <http://efgoyaz.gigafoto.com.br>

Figura acima do antigo Cine Rex, hoje no local abriga o Restaurante Napolitano, podemos notar que foi preservada a mesma estrutura arquitetônica da época.

O Cine Rex cumpriu a sina da maioria das salas de cinema do Brasil, acabou. No entanto, no lugar de se tornar igreja ou estacionamento ficou fechado. Até o dia em que seu proprietário cedeu ao restaurante, com condição de que a decoração e arquitetura fossem mantidas.⁴¹



Fig. 10—Cine Rex localizado entorno da Praça Manoel Bonito década de 1940.
Fotógrafo: Geraldo Vieira. Acervo do Arquivo Público Municipal
Dr. Calil Porto.

Na foto acima podemos observar um elemento vertical que sobressai a volumetria do prédio onde se localizava o luminoso com o nome Rex.

⁴¹ Ignácio de Loyola Brandão, escritor brasileiro. Trecho retirado do ensaio O cinema de Araguari, publicado no jornal Estado de São Paulo 07/10/2005.

Karin Hartewig ressalta que “a fotografia é reprodução, rastros das coisas, das pessoas e das ocorrências, que terão que haver ocorrido para poderem ser fotografados. Mas a fotografia não reproduz apenas fatos, ela sincroniza o olhar do observador com o mundo.”⁴²



**Fig.11—Cine Rex localizado ao redor da Praça Manoel Bonito final da década de1930.
Fotógrafo: Geraldo Vieira. Acervo do Arquivo Público Municipal
Dr. Calil Porto.**

Na foto de número onze notamos algumas pessoas em frente ao cinema e na parte superior há uma faixa com a propaganda de um filme do qual está escrito “Ali Babá é Boa Bola.” De acordo com Ulpiano Bezerra ao analisar fotografia “*seja qual for a opção de leitura histórica e antes mesmos de qualquer referência ao documento, convém de início assinalar alguns traços morfológicos, pois eles contarão em qualquer alternativa, já que definem a especificidade da informação imediata que a imagem pode fornecer.*”⁴³

Ao trabalharem com fotografias os historiadores fazem uma seleção destas e escolhem aquelas que melhor demonstram o assunto. Segundo Raphael Samuel:

Quando os historiadores, pela primeira vez, se voltaram para as fotos antigas, esse era um modo de modernizar o tema, de trazer e de diminuir a distância entre o passado e o presente. (...) As imagens passaram a ser escolhidas também pelos próprios historiadores não por exigências da forma das coisas a vir, ou como uma exemplificação daquelas unidades maiores que transcendem a simples divisão temporal, mas por sua aura de passado.⁴⁴

⁴² HARTEWIG, Karin. Dossiê. *Imagens do inimigo*. Tempo/Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Vol.7, nº14, jan.2003. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.p.111.

⁴³ MENESES, Ulpiano, T. Bezerra. A fotografia como documento. Tempo/Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Vol.7, nº14, jan.2003. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.p.133.

⁴⁴ SAMUEL, Raphael. *Teatros de Memória*. Projeto História, São Paulo, (14), fev.1997.p.54.

O cinema movimentava a praça onde ocorria o “footing”. O cine Rex também promovia o encontro de pessoas fora do cinema, que se reuniam nos finais de semana, antes de iniciar a sessão, para passearem nas ruas próximas à Praça Manoel Bonito, constituindo um costume que era conhecido na época como “footing”, ou seja, o famoso vai e vem que era um passeio descompromissado. Segundo nota do Jornal Gazeta do Triângulo “*A burguesia local desfilava impecável toilette no footing da Praça Manoel Bonito.*”⁴⁵

Em pesquisa nos jornais notei que na década de 1950 através do “footing” havia uma divisão de classes sociais, visto que na calçada do cine Rex andavam as moças mais elegantes, no meio da rua andavam as moças de trajes mais simples e no jardim da praça ficavam as moças mais humildes. E os rapazes andavam de um lado para o outro observando-as.

(...) Na Praça Manoel Bonito acontecia às concentrações populares, as culminâncias dos desfiles, o palanque das campanhas eleitorais, o vaivém das moças garbosas na noite iluminada do domingo, á vista dos rapazes em grupo, de pé e de paletó. (...).⁴⁶

As diferenças aparecem nos vários espaços da cidade como por exemplo os freqüentadores do Clube Recreativo Aragarino eram as pessoas mais elegantes da alta sociedade, não era toda a população aragarina que tinha acesso ao clube ,o clube atendia as pessoas que podiam pagar pelo “glamour” que este lhe proporcionava. No cinema também havia a marginalização dos negros e dos pobres, pois era reservado para eles um lugar ao fundo do cinema com pouca visibilidade nas últimas filas, para que estes não se misturassem com as outras pessoas da elite da sociedade que tinham privilégio em ficar nas primeiras filas. Os bairros também eram e ainda são espaços de diferenças, pois os bairros que se aproximam mais do centro residem às pessoas com maior poder econômico tanto a compra e o aluguel dos imóveis possuem valor elevado sendo assim é pouco acessível a toda a população. Os bairros que vão se distanciando do centro da cidade residem as pessoas mais simples e com pouca condição financeira.

O Cine Rex unia a população na medida em que atraía cada vez mais pessoas para as exhibições cinematográficas que era considerada a maior diversão da época e ainda promovia o encontro da sociedade que se reunia para o “footing”.O Cine Rex além de proporcionar o entretenimento, era também o ponto de encontro de todos.Vinham pessoas de cidades vizinhas para prestigiar o cinema.

⁴⁵ Jornal Gazeta do Triângulo. 04/03/1955. p.03.

⁴⁶ Informação retirada do folder. ”Memórias de Araguari, Praça Manoel Bonito/Rua Rui Barbosa. Departamento de Cultura. Arquivo Público Dr. Calil Porto. Agosto de 2001.



**Fig.12-Parte interna do Cine Rex, lotado de pessoas, década de 1940.
Fotógrafo: Geraldo Vieira. Acervo do Arquivo Público Municipal
Dr. Calil Porto.**

Na figura acima podemos perceber a parte interna do Cine Rex, acomodando grande número de pessoas, que estão à espera da apresentação.

Em junho de 1947 ocorreu uma destruição do prédio, devido ao aumento dos preços dos ingressos, os freqüentadores do cinema iniciaram o quebra-quebra em protesto.

Eram 18h30 horas da noite quando começou a ação dos pseudo-grevistas(...). Depois de conseguida a ordem para baixar os preços dos ingressos, o senhor Ruggiadini comunicou aos chefes do movimento. Nesse momento já começavam a cair taboas e vidros quebrados no Cine Rex.⁴⁷

De acordo com Juscélia Peixoto⁴⁸, *“tal acontecimento não foi um caso isolado no país. Ao contrário, ficou caracterizado como um movimento ocorrido nas principais cidades do Brasil, inclusive na vizinha Uberlândia.”*

(...) um grupo de desordeiros, calma e friamente, orientados por agitadores com toda as características de profissionais atacou e depredou o Cine Rex, destruindo tudo o que havia(...) não pode ser considerada ação espontânea. Primeiramente já era de conhecimento público o propósito de fazer greve contra o preço elevado dessa casa de diversão. Os desordeiros colocaram focos de fogo por todo o prédio comprometendo a integridade de todo o quarteirão.⁴⁹

Depois de ter sido alvo de protestos o Cine Rex ficou totalmente inutilizado, acabando-se assim com o centro da diversão na cidade de Araguari.

⁴⁷ Jornal Gazeta do Triângulo. 19/06/1947. p.01.

⁴⁸ PEIXOTO, Juscélia Abadia Vieira. Historiadora e pesquisadora do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

⁴⁹ Jornal Gazeta do Triângulo. 19/06/1947. p.01.



Fig. 13--Cine Rex localizado entorno da Praça Manoel Bonito junho de 1947.
Fotógrafo: Geraldo Vieira. Acervo do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

Na figura acima visualizamos as janelas do cinema todas quebradas e uma agitação de pessoas em frente ao Cine Rex.

Diante dos acontecimentos o cinema ficou fechado por certo período. Em outubro de 1947 começou a reforma do Cine Rex, sendo reinaugurado em abril de 1948.

No ano de 1967 no Cine Rex ocorreu o lançamento nacional do filme “O caso dos Irmãos Naves”, compareceram os atores e diretores que trabalharam no filme, a população festejou o acontecimento.

A comissão mista já deu início aos seus trabalhos com vistas á estréia do “O caso dos irmãos Naves,” em Araguari. Contactos continuam a ser mantidos com o diretor Luiz Sérgio Person, devendo nos próximos dias ser acertada a data da noite de gala, para a “premiere”. (...) Segundo soubemos, agindo de comum acordo com a diretoria do Clube Recreativo Aragarino, a comissão que tem seu cargo o lançamento do filme pensa também em fazer realizar esplendido baile nos salões nobres do Recreativo com a presença de Person e seus acompanhantes e de grande parte da população araguarina.⁵⁰

Até final da década de 1970 o cinema era muito freqüentado pela população araguarina, todas as pessoas tanto pobres quanto ricos iam prestigiar as apresentações cinematográficas, a fila para a compra de ingressos chegava até mesmo a dobrar o quarteirão. Já no final da década de 1980 o Cine Rex passou a ser deixado de lado pela população, ou seja, passou a ser menos freqüentado, o mesmo ocorreu com grande parte dos cinemas, devido à facilidade de aquisição de aparelhos de televisão, videocassetes e aluguel de filmes em fitas VHS. Os freqüentadores que durante décadas escolheram o cinema como ponto de diversão,

⁵⁰ Jornal Gazeta do Triângulo. 28/05/1967. p.01.

passou a optar por assistir filmes em casa, ou seja, na sua comodidade, sem aqueles encontros coletivos proporcionados pelo cinema.

Deste modo o fechamento do Cine Rex tornou-se inevitável, encerrando suas exhibições no ano de 1992, devido ao desinteresse das pessoas em freqüentar os antigos cinemas e por não conseguir manter as despesas, pois não havia lucro.

Entre as décadas de 30 e 70 havia em Araguari três cinemas o Cine Rex, Cine Lux e o Cine Olido, estes não conseguiram se manter e acabaram fechando. Em 1971 foi inaugurado na parte oeste da Praça Manoel Bonito no novo edifício do Clube Recreativo Araguarino um outro cinema denominado de Cine Apolo que em 1993 passa a denominar-se Cine Ritz, este permaneceu um pouco mais na lembrança da população, encerrando suas exhibições no início de 2008. Podemos sugerir que devido às novas tecnologias adquiridas pela população como aparelho de DVD, home theater com imagens e sons com autadefinição e facilidade de conseguir filmes em DVD.

Clube Recreativo Araguarino.

No ano de 1932 o senhor Manoel dos Santos Laureano construiu um prédio em frente à Praça Manoel Bonito, esquina com a Rua Brasil Accioly.

Há três anos no lugar onde Manoel dos Santos Laureano ergueu o prédio havia uma casa velha cujas paredes não ofereciam resistência. O Aspecto da praça ao contrário de hoje era desolador. Durante a noite só havia pirilampos e a população ficava muito triste. Hoje apesar de não estar concluído, só o frontispício do grandioso prédio, com janellas symmetricamente voltada para a praça produz uma boa e agradável impressão.⁵¹

A parte superior desse prédio foi idealizada para abrigar um salão para clubes e a parte inferior do prédio instalou-se casas comerciais, sendo assim no mesmo ano fundou-se o Clube Recreativo Araguarino, do qual funcionou trinta anos na parte superior do edifício.

Uma bella iniciativa, a fundação de um club dançante e recreativo em Araguari. Um grupo de rapazes da nossa sociedade, á frente dos quaes acham-se os Srs. Petrônio e Brasil Accioly está planejando a fundação nesta cidade de um club recreativo, lacuna de que há muito vem se sentindo a sociedade de Araguari. Sendo um club genuinamente social e não tendo absolutamente cores políticas, os organizadores esperam contar com o indispensável apoio das nossas gentis conterrâneas.⁵²

⁵¹ Jornal O Triângulo. 21/02/1932. p.03.

⁵² Jornal. O Triângulo. 23/02/1932. p.01.

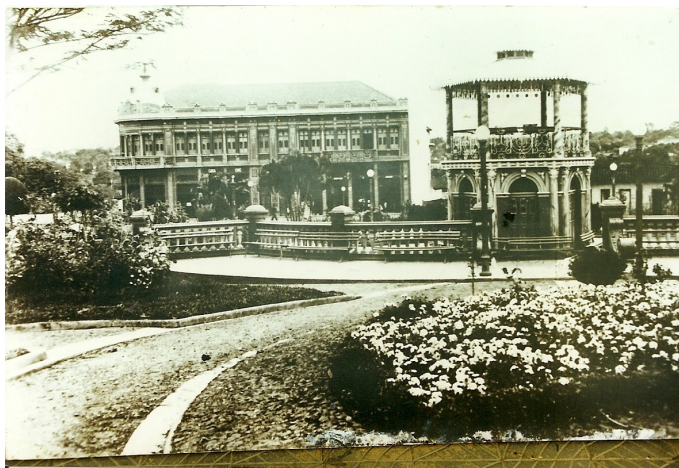


Fig. 14-- Praça Manoel Bonito com o coreto e ao fundo Clube Recreativo Aragarino. Foto da década de 1930. Fotógrafo: Antônio Gebhardth. Acervo do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

A fachada do prédio é bem trabalhada e constitui-se de obra artística, possui em gesso o ano de 1932 e as letras MSL que eram as iniciais de Manoel dos Santos Laureano. Nos dias atuais o prédio possui a mesma estrutura arquitetônica e artística da época, hoje sedia a loja Udi Fotos.

No ano de 1957 o Clube Recreativo Aragarino ganhou sede própria em um prédio construído na parte superior da Praça Manoel Bonito, onde permanece até os dias atuais.

O Clube Recreativo Aragarino promovia para a sociedade bailes, desfiles e até mesmo jogos de xadrez e cartas (baralho).

No dia 03 de abril do corrente, teve início, na sede social á Praça Manoel Bonito o I campeonato Interno do Club Recreativo Aragarino de xadrez divisão principal. Participaram cidadãos aragarinos e visitantes de outras cidades. (...) Até o fim do corrente mez, mais novidades e de vulto inconfundível, serão também inauguradas. Nova sala de bar, monumental balcão americano, mesa de bilhar “snooker”, etc. Tudo para o conforto dos associados e a bem do progresso de Araguari. (...).⁵³

Podemos perceber no trecho citado à cima que a imprensa local trazia, o ideário de progresso e desenvolvimento da cidade, através das inovações no clube. Mas podemos concluir que esse ideário de progresso trazia benefícios somente para os associados do clube visto que, eram poucos os habitantes que tinham acesso a este clube, sendo assim esse progresso não abrangia toda a população, estes estariam excluídos desse ideário de progresso citado pela imprensa.

As autoras, Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário discutindo o texto “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa” relatam que:

⁵³ Jornal Gazeta do Triângulo 10/04/1938. p.03.

Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição social que esta relação propõe.⁵⁴

Os freqüentadores do clube eram jovens, adultos, crianças, senhoras com suas famílias, que iam prestigiar á audição de piano, de canto, de declamações de poemas. O Clube Recreativo era o ponto de encontro e de divertimento da sociedade.

(...) Resolveu ainda mais, atendendo o maior anseio da sociedade araguarina que tem ali seu passatempo predilecto, alegrar as noites domingueiras com elegantes soirré dançantes, além de um baile de gala que daria por mez, essa medida tomada pelo club foi, por justo motivo, recebida pelos seus sócios com os mais entusiásticos applausos, por quanto é o nosso club o ponto elegante de reunião do grand-mond da cidade. (...) ⁵⁵

O Clube Recreativo Araguarino promovia os famosos bailes de debutantes, São João, bailes de primavera, através desses bailes o número de sócios e freqüentadores aumentavam. Quem freqüentava o Clube Recreativo Araguarino era a alta sociedade, pessoas ilustres como políticos, médicos advogados, estudantes de famílias ricas, agricultores, que tinham poder econômico.

(...) Executaram o baile dos namorados, baile de São João e além de outros, está programado o grande baile de debutantes e a rememoração verdadeira da tradicional Festa da Primavera, para setembro. A intensa atividade, para bem servir ao público tem encontrado eco em nossa terra. Tanto assim, é que o número de sócios está subindo cada vez mais, estando inscritos mais de trezentos, número de fato satisfatório e animador.⁵⁶

O diretor do clube devido ao aumento dos freqüentadores optou por melhoramentos, refazendo sob novo modelo sua parte interna, para melhor promover a relação entre seus freqüentadores.

Em poucos mezes as instalações foram reaparelhadas, deslocou-se a orquestra para local apropriado, sobre um moderno tablado, ampliaram o número de cadeiras. Observa-se instalação de coluna sonora em substituição aos auto-falantes. Foi contratado um pianista, com capacidade de apresentar músicas modernas, e notadamente com conjunto de ritmos. Artistas renomados apresentavam no palco do clube (...). O ornamento interno passou por remodelação tornando o local agradável.⁵⁷

⁵⁴ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. Projeto História, São Paulo, n°35, dez.2007. Editora da PUC. p.258.

⁵⁵ Jornal Gazeta do Triângulo. 21/08/1938. p.01.

⁵⁶ Jornal Gazeta do Triângulo. 24/04/1955. p.05.

⁵⁷ Jornal Gazeta do Triângulo. 10/06/1955. p.06.

O Clube Recreativo Aragarino nos dias atuais continua promovendo no local, festas, shows com artistas reconhecidos no mercado nacional, este clube continua sendo um dos centros de diversão e de encontro da população aragarina.



Fig. 15-- Praça Manoel Bonito foto do Clube Recreativo Aragarino. Foto final da década de 1970. Fotógrafo desconhecido. Acervo do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

Na foto de número quinze podemos visualizar o novo prédio do Clube Recreativo Aragarino, algumas pessoas passando pelo local e mostra também uma parte da praça como banco, calçamento e jardim. No primeiro piso do prédio funcionava o Cine Ritz, hoje o local foi alugado pela prefeitura para a instalação de um Teatro Municipal e uma galeria de arte, o teatro tem o objetivo de promover apresentações culturais de dança, música e literatura.

Pálace Hotel.

Em 1932 foi decretado a lei nº563 do qual concedia subvenção e favores para a construção de um hotel, antigo desejo da população, pois na cidade havia poucas pensões e um hotel seria considerado um grande progresso.

A prefeitura resolveu desapropriar alguns imóveis localizados na praça que nessa época era denominada de João Pessoa e declarou que era de utilidade pública a propriedade dos imóveis.

Decreto lei nº563. Art. 1º- “A prefeitura concederá á pessoa ou empresa que se proponha a construir um hotel nos terrenos situados na face inferior da Praça João Pessoa nesta cidade com os seguintes favores: isenção de impostos predial pelo prazo de dez anos, a

contar da mesma data. Isenção do imposto de indústria e profissões de hotel e isenção de taxa de água e esgoto durante o mesmo prazo.”⁵⁸ Portanto o Sr. Manoel dos Santos Laureano tendo como base o decreto nº563 resolveu construir o hotel.



Fig.16—Construção do Pálace Hotel em frente à Praça Manoel Bonito. Foto da década de 1930. Fotógrafo desconhecido. Acervo do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

Na figura acima visualizamos a construção do prédio do Pálace Hotel, podemos perceber alguns operários trabalhando na obra. Na parte inferior podemos observar uma criança perto de uma árvore.

Entre o Cine Rex e Clube Recreativo Aragarino um edifício moderníssimo, de 3 andares embellezará a praça. Amanhã serão lançadas as primeiras pedras de construção do edifício .Pelo que estamos scientes, a construção que está a cargo do Sr. Adolpho Carízio, prosseguirá sem interrupção, devendo estar terminada dentro de um ano.Os dois andares superiores serão ocupados com um confortável hotel servido de elevador, tendo em vista aquelle grande propulsor do desenvolvimento local.No andar térreo serão, naturalmente installadas modernas casas de commercio.(...)

O Pálace Hotel foi inaugurado em 15 de outubro de 1939, com a presença de políticos locais e a população aragarina.

Foi inaugurado domingo último, revestindo-se de acto da maior simplicidade, mas nem por isso deixado de interessar sobremaneira a opinião pública, o novo moderno e elegantíssimo hotel da cidade. Construído sob rigorosa technica e bom gosto, o prédio onde se acha installado o Pálace Hotel corresponde satisfatoriamente as suas finalidades. (...) ⁵⁹

⁵⁸ Decreto nº563 retirado do livro de atas da câmara municipal.

⁵⁹ Gazeta do Triângulo. 22/10/1939. p.01.

O jornal da época trás uma nota sobre a comodidade do Pálace Hotel.

Occupando dois andares o hotel possui, além de elevador e todas as instalações necessárias, 56 aposentos caprichosamente mobiliados, água corrente e telephone em todos os quartos, dos quaes 44 são para solteiros e 12 para casaes. Achando-se em condições de bem servir aos viajantes, famílias e pessoas de tratamento, dignas, ainda de menção, são as suas amplas salas de jantar, de visitas, de café e de recreio e bar. (...) Acha-se esta a cargo de abilíssimos profissionaes da arte culinária, satisfazendo de modo cabal o mais exigente freguez. Para maior commodidade dos Srs. viajantes, possui, outrossim, o hotel garagem própria com capacidade para vários automóveis.⁶⁰

O Pálace Hotel nessa época abrigava as reuniões dos coronéis. Durante vários anos de funcionamento, esse hotel recebeu hóspedes importantes, como o cantor Orlando Silva, a cantora Ângela Maria, dentre os atores se hospedaram no hotel, Procópio Ferreira e Eva Tudor, estes artistas vieram até a cidade para se apresentarem no palco do Cine Rex.

Manoel dos Santos Laureano fundou na cidade em 12 de fevereiro de 1939 uma rádio difusão a PRJ3 denominada de Rádio Araguari, esta se localizava na Rua Rio Branco, lugar onde Manoel Bonito havia construído vários prédios residenciais. Na cobertura do Pálace Hotel, foi instalado alto-falante que transmitia a programação da rádio. Até a década de 50 a rádio Araguari permaneceu no mesmo local, transferindo posteriormente para a Rua Luiz Schnoor, onde permanece até os dias atuais.

Em pesquisa ao Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto encontrei um folder denominado de “Movimento Pró Memória” do ano de 1992 organizados pelas historiadoras do arquivo Juscélia Peixoto e Aparecida Campos, o folder era composto por vários depoimentos o que me chamou atenção foi o depoimento do Sr. Hudson Gomes da Silva que era alfaiate e este relata sobre a rádio o seguinte:

Os alto-falantes que havia no alto do Pálace Hotel, na década de 40, transmitiam ao vivo a PRJ3. O que muito me marcou na época da guerra foram as retransmissões da rádio nacional, do Repórter Esono de Eron Domingos. Quando estava no ar a música tema, todos saíam a Praça Manoel Bonito, para ouvir as notícias da guerra.⁶¹

Folheando os jornais da época pude observar que a rádio Araguari, através de sua programação também promovia as práticas de sociabilidades na praça, pois as pessoas deixavam suas casas e se aglomeravam na Praça Manoel Bonito, para se informarem sobre os acontecimentos que estavam ocorrendo no país. Além do caráter informativo, na rádio

⁶⁰ Gazeta do Triângulo. 22/10/1939. p.01.

⁶¹ Depoimento retirado do Folder “*Movimento Pró Memória*”. Depoimento do Sr Hudson Gomes da Silva de 1992 para as historiadoras do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

Araguari havia a programação musical, visto que a população também se reunia na praça para ouvirem as músicas de cantores famosos daquela época.

Somente em 1996 foram retirados do Pálace Hotel os alto-falantes, estes foram doados ao Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto.

O Pálace Hotel foi desativado no final da década de 1970, devido à falta de condições de funcionamento, sendo assim ficou fechado durante vinte anos. No ano de 1997, após total e ampla reforma o Pálace Hotel foi reinaugurado. *”Os apartamentos do Pálace Hotel foram reestruturados para melhor atender as necessidades do mercado hoteleiro; construindo-se em 57 apartamentos distribuídos em três andares. Na cobertura, foi construído um restaurante / chopperia e salão de convenções.”*⁶²

Hoje o Pálace Hotel é muito freqüentado, hospeda políticos da região, cantores e atores de renome internacional e também visitantes das cidades vizinhas. Seu salão de convenções é utilizado para eventos como palestras, reuniões de políticos e encontro de cafeicultores, hospedam os cafeicultores que vem até a cidade para participar da Fenicafé que é a feira da cafeicultura do Cerrado Mineiro que acontece anualmente em Araguari.

Procurei refletir sobre a influência do Cine Rex, Clube Recreativo Aragarino e o Pálace Hotel na movimentação da praça. Destaquei o Pálace Hotel como ponto de encontro, que de certa forma também contribuiu para a movimentação de pessoas na praça. Ao relatar sobre a rádio do qual os auto-falantes foram colocados na parte superior do Pálace Hotel, a intenção foi de destacar as práticas sociais, pois a transmissão da programação da rádio na praça promovia também o encontro e o convívio dos habitantes que iam até o local por motivos diferentes uns iam para se informarem outros para ouvirem as músicas.

A Praça Manoel Bonito é importante, pois é considerada a principal praça da cidade, localiza-se no centro, está em meio ao comércio e durante muito tempo é considerada o pólo urbano, comercial e econômico da cidade. A Praça Manoel Bonito é o ponto de referência para a população araguarina.

⁶² Jornal O Diário. 20/11/1997. p.01.

Considerações Finais

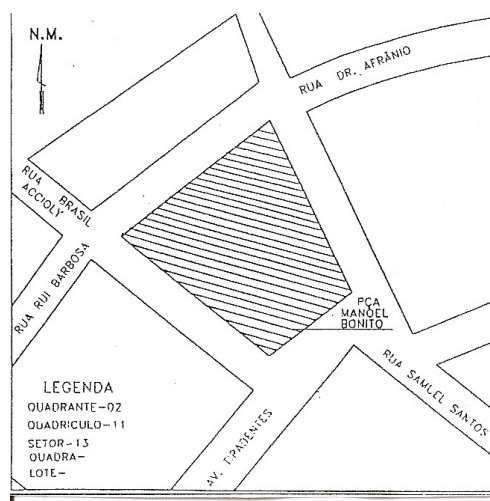


Fig.17—Mapa localizando a Praça Manoel Bonito.

Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto, Arquitetura e Restauro 1998.

A Praça Manoel Bonito possui uma área de aproximadamente 500,00 m² delimita-se na parte norte com Avenida Tiradentes, na parte sul com Rua Rui Barbosa, na parte oeste com a Travessa São Bento, na parte leste delimita-se com a Rua Brasil Accioly. Esta área destaca-se por predominar imóveis comerciais, possuindo poucos imóveis residenciais.

No entorno da Praça Manoel Bonito de 1930 a 1970 além do Clube Recreativo Aragarino, o Cine Rex e o Pálace Hotel havia também duas farmácias, um prédio que sediava o Banco do Brasil, algumas casas residenciais, uma pensão denominada de Santa Terezinha e várias lojas comerciais.

Nos dias atuais permanece no entorno da praça apenas três casas residenciais, estas conservam a mesma estrutura arquitetônica da década de 1930, destacando construções em *art déco* muito utilizada no início do século, estas construções se sobressai juntamente com as construções modernas. Na parte norte da praça ainda se localiza a Igreja Presbiteriana, há ao redor da praça algumas farmácias, várias lojas entre elas a Di Trajan e o boticário. Na parte oeste da praça há uma Igreja Evangélica a “Igreja da Graça de Deus” que se localiza em frente ao ponto de táxi, sendo assim há duas Igrejas Evangélicas entorno da Praça.

Instalaram na Praça Manoel Bonito algumas lixeiras para manter a higiene da praça, instalaram também orelhões telefônicos e rampas para deficientes físicos, através das rampas promovem a acessibilidade dos deficientes como iniciativa de inclusão na sociedade.

O movimento que há hoje na praça será devido a APCAR (Associação dos Produtores Caseiros de Araguari)? Essa associação oferece diversos cursos á população. Durante as aulas os alunos aprendem técnicas de pintura em tecido e plástico; manufatura de bonecas de tecidos, tapeçaria e diversos trabalhos artesanais. Tudo que é produzido pelos alunos é vendido na APCAR, localizada na parte central da Praça Manoel Bonito.

Hoje em dia a praça não é muito freqüentada como antigamente, devido à situação precária em que se encontra. A calçada da praça está com várias rachaduras, o jardim está em péssimo estado, as plantas e a grama precisam ser aparadas, o espelho d' água e a fonte estão desativados, há uma grade de proteção cercando o local. São poucos os cuidados com sua manutenção, visto que não há uma limpeza regular da praça e não são realizadas obras para a sua melhoria

A Praça Manoel Bonito passou por duas reformas que remodelou totalmente seu espaço físico, a reforma do ano de 1938 e a do ano de 1966, ressaltando que nessas duas épocas o Brasil era governado por regimes autoritários.

Essas reformas visavam os interesses políticos e sociais, traziam para a população a idéia de progresso e desenvolvimento. As pessoas tinham uma visão positiva através dessas reformas, pois estavam envolvidas com a idéia de modernização e desenvolvimento. A população acreditava que as reformas traziam benefícios para o desenvolvimento da cidade, visto que essas mascaravam seus objetivos reais que era de cunho político.

Um dos jornais locais da época em suas páginas passa para a população a idéia de desenvolvimento da cidade. Em nota o jornal diz o seguinte:

“Araguari nasceu da energia dos bandeirantes mineiros, cresceu anêmica egocêntrica e velha. Quase meio século de inatividade profunda, de energia corroída solapadora da politicalha. O plano de urbanização ressalta aos olhos, a cidade tem vivido o ressurgimento. Integrou-se no esplendor do século agitado na vida intensiva das grandes metrópoles. Intenso é o desenvolvimento de seu comércio, de suas indústrias, do seu foro de atividades múltiplas. O formigar de operários, de estudantes, o barulho ininterrupto de veículos rasgando a cidade em todas as direções, o vai-e-vem de gente pelas vias públicas, constituem elementos de alegria e de progresso.”⁶³

O plano de urbanização e os prédios construídos no entorno da Praça Manoel Bonito colocava a população em contato com a modernidade e o progresso. Os prédios faziam parte da paisagem da Praça Manoel Bonito e estes foram testemunhas dos encontros e do divertimento que a praça proporcionava naquela época.

⁶³ Jornal Gazeta do Triângulo 27/10/1940. p.01.

Com o passar do tempo os moradores vão dando á praça outros sentidos e outras formas de utilização. Nas décadas de 30 a 70 a praça tinha como característica o encantamento e o entretenimento, hoje os moradores usam a praça como meio de locomoção, ou seja, como passagem, visto que esta é utilizada na maioria das vezes para cortar caminho.

Apesar do desleixo dos governantes, prefeitos, vereadores com a Praça Manoel Bonito, ainda há movimento: a APCAR, as lojas situadas no entorno da praça, as duas Igrejas Evangélicas sendo a Igreja Presbiteriana que está no local desde 1908, na parte norte da praça e a Igreja da Graça de Deus que está localizada na parte oeste, o ponto de táxi localizado há vários anos na praça, todos impedem que a praça seja esquecida pela população araguarina.

Na praça ainda há as práticas de sociabilidades e de lazer. Os taxistas enquanto esperam os fregueses passam o tempo jogado dama ou cartas, há também os aposentados que vão para a praça se encontrarem com os antigos colegas de serviço, colocando assim a conversa em dia, são abordados diversos assuntos como: política , economia, sociedade e futebol.

A Praça Manoel Bonito é um espaço onde também se realiza o comércio, podemos destacar a banca de revista do Joaquim, a loja APCAR onde é vendido os produtos produzidos pelos artesãos, os serviços prestados á população pelos taxistas. Há também na praça o comércio informal, ressaltando os trabalhadores que possuem um carrinho de pipoca, picolé e algodão doce, que vão para a praça comercializar seus produtos. Na maioria das vezes esses trabalhadores são aposentados, eles com o tempo livre, investem no comércio informal para complementar sua renda. É uma forma que encontraram para ocupar seu tempo ocioso, ao estarem sempre na praça esses trabalhadores contribuem para que ela não seja esquecida.

A Praça Manoel Bonito apesar dos poucos cuidados com sua manutenção, ela continua sendo a principal praça da cidade e se destaca como ponto de referência para a população araguarina. Com o passar do tempo seu espaço físico foi sendo utilizado de maneiras diferentes, conforme a manifestação dos interesses de seus freqüentadores.

Portanto as praças públicas de outrora, que se destacavam por serem espaços de diversão e convívio social vai perdendo seu valor, à medida que a população vai sendo despertada por novas formas de lazer e entretenimento.

Bibliografia:

ALVES, Josefa Aparecida. *Imagens e memórias: o olhar dos fotógrafos sobre os monumentos na Praça Tubal Vilela*. Uberlândia revisitada. Memória, cultura e sociedade. Edufu.

ALVES, Josefa Aparecida. *Sociabilidade Urbana, o olhar a voz e a Memória da Praça Tubal Vilela (1930-1962)*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. *Sobre história: imprensa e memória*. In: (orgs.) Laura et al. *Outras Histórias: memórias e linguagens*. Ed Olho d'água, 2006 p.262 -272.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: *O óbvio e o obtuso*. Ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: Notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In: *O óbvio e o obtuso*. Ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, Roland. Dentro dos olhos. In: *O óbvio e o obtuso*. Ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. 3 ed., São Paulo:Cia das Letras,1994.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CALVO, Célia Rocha. *Muitas memórias outras histórias de uma cidade: Experiências e lembranças de Viveres Urbanos Uberlândia 193-1990*. Doutorado em História. PUC/ Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução á história*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. *Memórias e imagens: repensando os significados do MEMORIAL JK*. In: (orgs.) Laura et al. *Outras Histórias: memórias e linguagens*. Ed Olhos d'água, 2006 p.177-193.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COUCHOT, Edmond. *Da fotografia á realidade virtual*. Porto Alegre, EFRGS, 2003.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. Projeto História, São Paulo, nº35, dez.2007. Editora da PUC.

DELEUZE, Gilles. Recapitulação das imagens e dos signos. In: *A imagem- tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DELEUZE, Gilles. As potências do falso. In: *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ECO, Humberto. A ilusão realística. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ECO, Humberto. O tempo da arte. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FENELON, Déa Ribeiro. (Org.) e outros. *Cidades: Pesquisa em história 1*. Programa de Estudos pós-graduados em história PUC/SP. Editora Olho D'Água, 2000.

FENELON, Déa Ribeiro. (Org.) e outros. *Muitas memórias, outras histórias*. Programa de Estudos pós-graduados em história PUC/SP. Editora Olho D'Água, 2004.

FOUCAULT, Michel. Las meninas. In: *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FRANCASTEL, Pierre. Arte e história: dimensão e medida das civilizações. In: *História e Imagens*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FRANCASTEL, Pierre. Nascimento de um espaço: mitos e geometria no Quattrocento. In: *Pintura e sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin ou a história aberta*. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GAGNEBIN, J. M. *Memória, História e Testemunho*. In; Bresciani M. Naxara, M. *Memória (re) sentimento*, São Paulo. Ed, UNICAMP, 2001, p.85-94.

GOITIA, Fernando Chueca. *Breve história do urbanismo*. Editora Presença. Fevereiro de 2003.

GUERRA, Maria Eliza Alves. *As praças modernas de João Jorge Coury no triângulo mineiro*. Dissertação (mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo, 1998.

HARTEWIG, Karin. Dossiê. *Imagens do inimigo*. Tempo/Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Vol.7, nº14, jan.2003. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Brasiliense, 2007. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

Joly, Martine. *Introdução a análise da imagem*. Campinas, Papirus, 1996.

JUNQUEIRA, Ivanilda Aparecida Andrade. *Paisagem Urbana e memória Praça XV de Novembro em Prata MG*. 2005. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

KOSSOY, Boris. *O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens*. Revista brasileira de história. São Paulo: ANPUH, v.25, n.49, p.35-42, 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Borges. Campinas SP: Ed. da Unicamp, 2003.

MACIEL, Laura Antunes. (Org.) e outros. *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d' Água, 2006.

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular: Introdução á fotografia*. São Paulo. Editora Brasiliense. (Coleção Primeiros Vãos). 1984.

MARX, Murilo. *Cidade no Brasil, em que termos?* São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MARX, Murilo. *Cidade no Brasil: terra de quem?* São Paulo: Edusp/Nobel, 1991.

MENESES, Ulpiano, T. Bezerra. *A fotografia como documento*. Tempo/Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Vol.7, nº14, jan.2003. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

MORAIS, Sérgio Paulo. *Trabalho e cidade: trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia*. Mestrado em História. UFU/ Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2002.

PAIVA, Eduardo França. *História e imagens*. 2.ed.Belo Horizonte:Autêntica , 2004.

PINTO, Júlio Pimentel. *Os muitos tempos da memória*. In: Revista Projeto História. São Paulo: PUC/SP, nº17, 1998.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v.2, nº3, 1987.

RAMOS, Geovanna de Lurdes Alves. *Entre trilhos e trilhas: “vivências, cotidiano e intervenções na cidade – Uberlândia – MG, 1970 – 2006”*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SALDANHA, Nelson. *O Jardim e a Praça: o privado e o público na vida social e histórica*. São Paulo: Edusp, 1993.

SAMUEL, Raphael. *Teatros de Memória*. Projeto História, São Paulo, (14), Educ, fev.1997.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*, Cia das Letras (Editora UFMG), BH, 2007.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. (org). *História e imagem: cinema, cidades, música, pintura, narrativas e iconografia*. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 1998.

SILVA, Marcos A . da. *O trabalho da linguagem*. In: *Revista Brasileira de História*. V.6 n.11, São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, set/1985/fev.1986, p.45-61.

SILVA, Marcos. (Org). *Repensando a história*. Rio de Janeiro: Anpuh/ Marco Zero, 1984.

THOMPSON, E. P. “Intervalo: a lógica histórica”. *A miséria da teoria; ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, pp.47-62.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1987.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 1989.

Fontes Impressas.

- Jornal Araguary. (1910- 1930).
- Jornal Gazeta do Triângulo. (1930-1970).
- Jornal O Triângulo. (1930-1960).
- Jornal O Diário. (1990-2010).
- Ata da Câmara Municipal de Araguari. (1932).

Fontes Iconográficas.

Fotografias da cidade de Araguari. (1927- 1970).

Acervo Iconográfico do Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto. Araguari/MG.

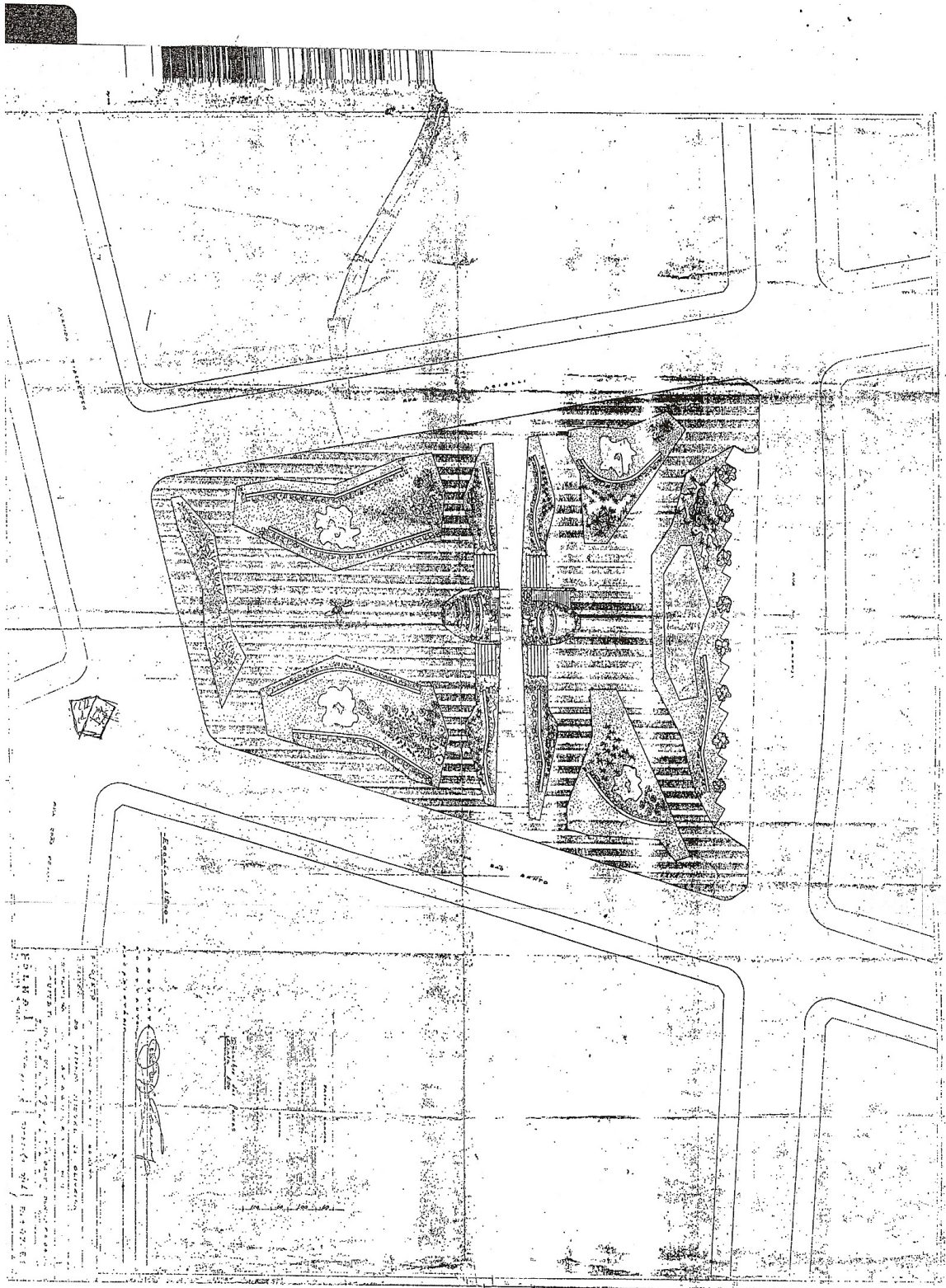
Anexos

Projeto de João Jorge Coury.

Obra: Praça Manoel Bonito Araguari/MG.

Data do Projeto: 1965.

Data de construção: 1966.



Referência Iconográfica: Cópia escritório de João Jorge Coury.

Planta Geral: Apresentação escala 1:200.

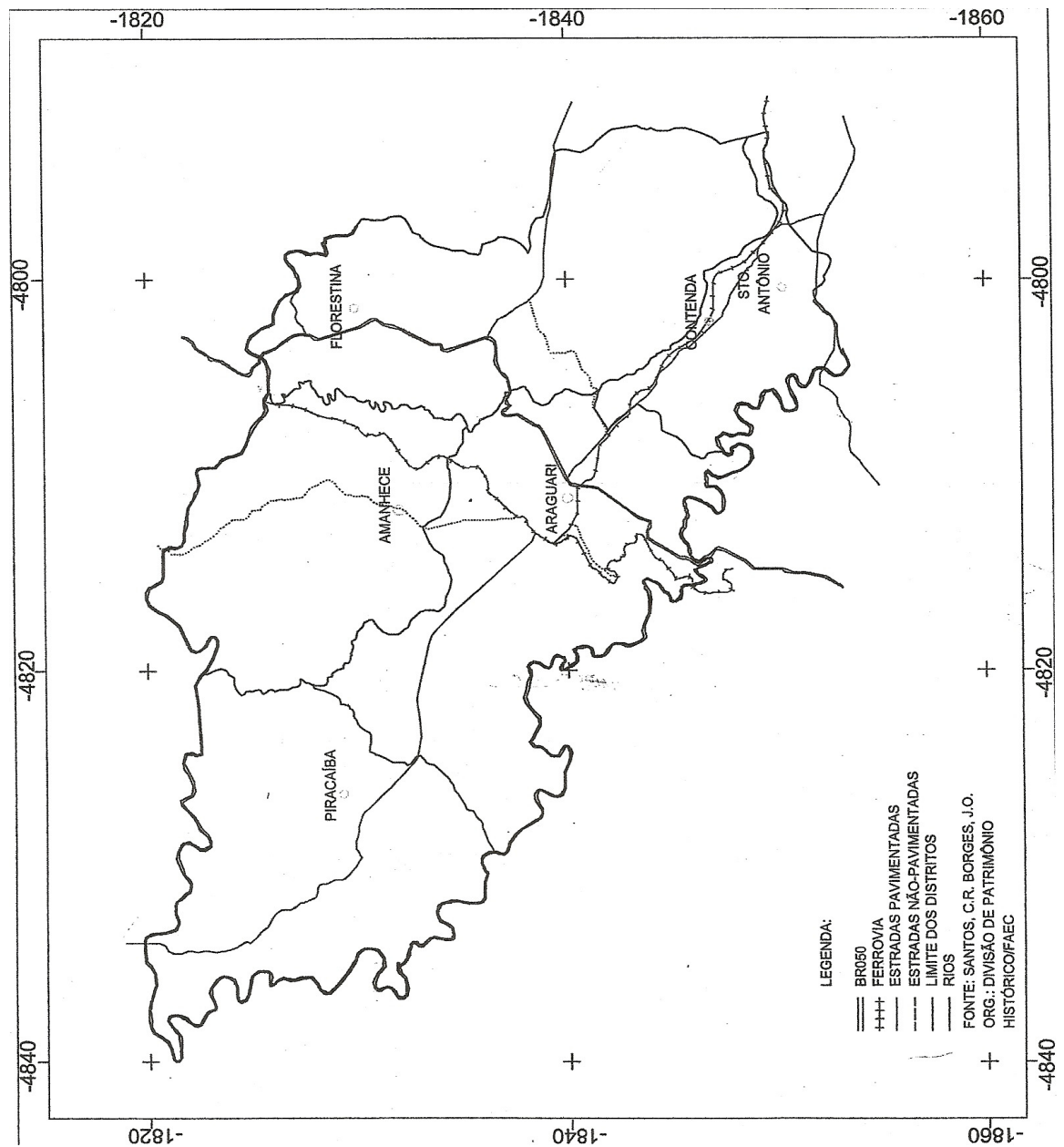
Fonte: Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente de Araguari/MG, 1997.

Mapa Localizando a cidade de Araguari/MG.



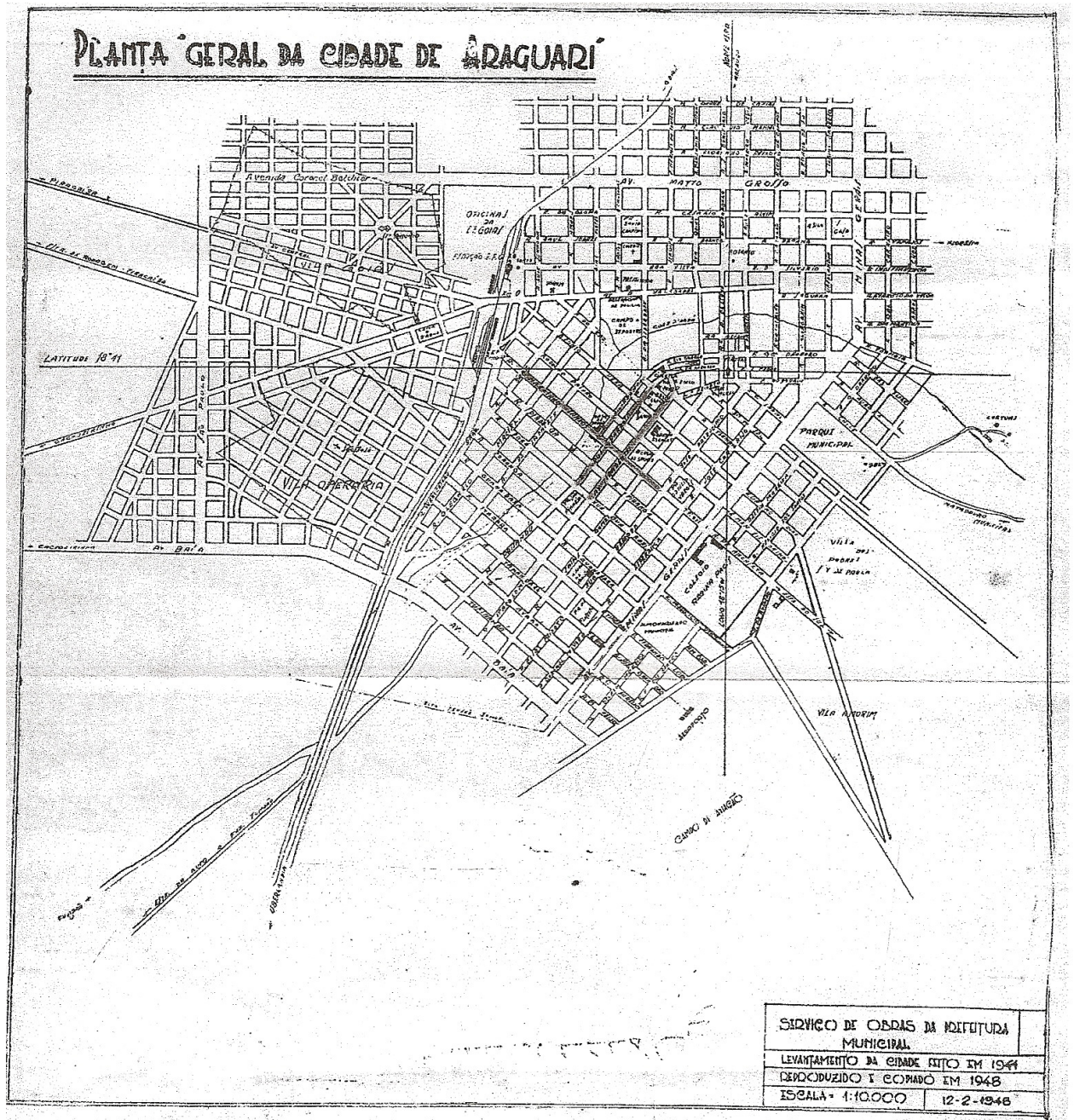
Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto. Araguari/MG.

Mapa da cidade de Araguari/MG e seus Distritos.



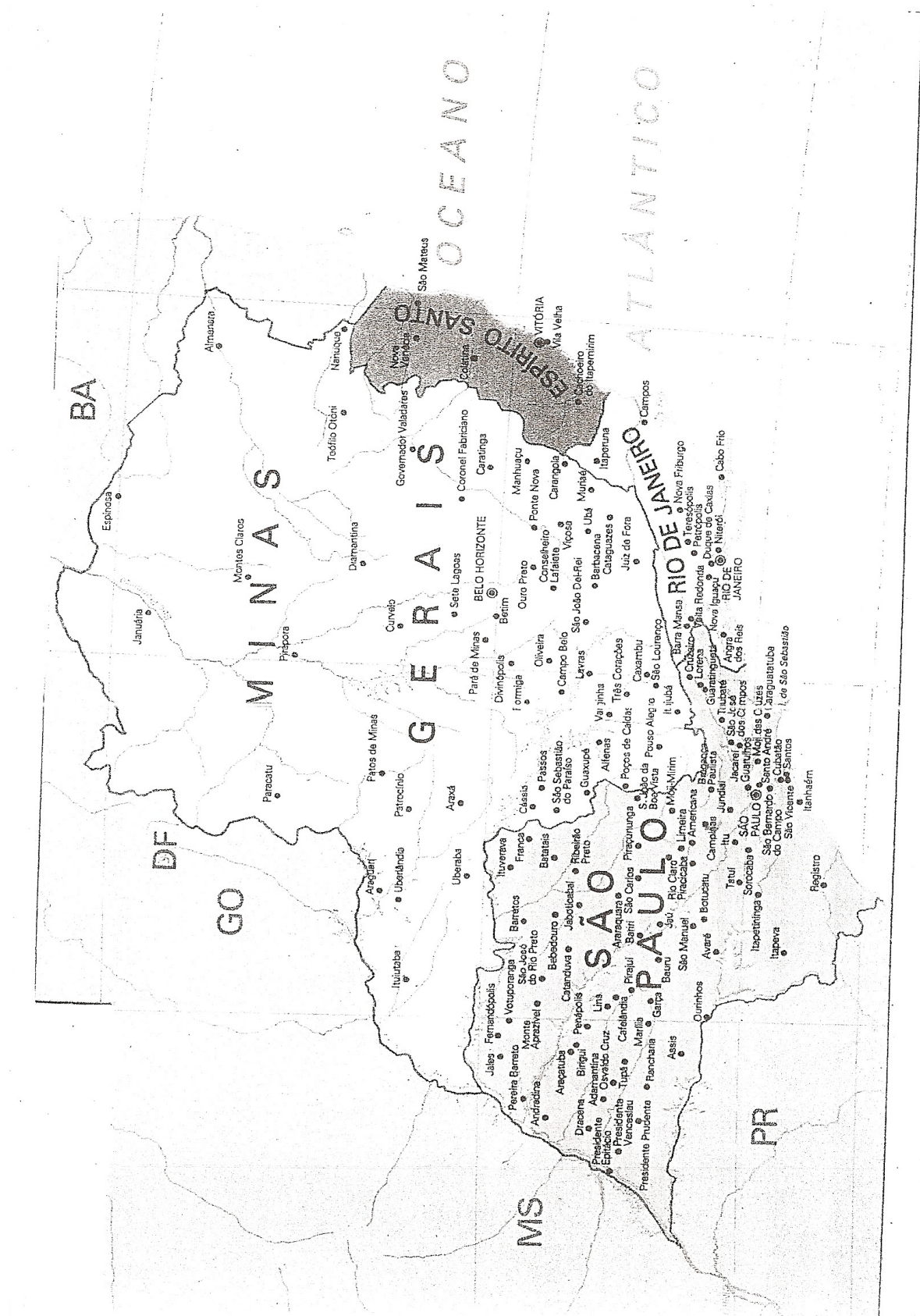
Fonte: SANTOS, C.R.Borges, J.O.org: Divisão de Patrimônio Histórico/FAEC.

Planta da cidade de Araguari/MG de 1948.



Fonte: Arquivo Público Municipal Dr. Calil Porto. Araguari/MG.

Mapa da Região Sudeste localizando Araguari/MG.



Fonte: Atlas Geográfico Mundial. São Paulo. Editora Ática, 1992.